



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE UNB PLANALTINA - FUP
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

IDUINA NUNES DA COSTA

**ANÁLISE DE TEXTOS PRODUZIDOS POR EDUCANDOS DO
4º ANO DA ESCOLA DO CAMPO SEVERIANO VIEIRA DA SILVA**

**BRASÍLIA – DF
2014**

IDUINA NUNES DA COSTA

**ANÁLISE DE TEXTOS PRODUZIDOS POR EDUCANDOS DO 4º ANO DA
ESCOLA DO CAMPO SEVERIANO VIEIRA DA SILVA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Educação do Campo, com habilitação na Área de Linguagem.

ORIENTADOR: Djiby Mané

**BRASÍLIA – DF
2014**

IDUINA NUNES DA COSTA

**ANÁLISE DE TEXTOS PRODUZIDOS POR EDUCANDOS DO 4º ANO DA
ESCOLA DO CAMPO SEVERIANO VIEIRA DA SILVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da UnB Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens, como requisito final à obtenção do grau Licenciado em Letras. Educação do Campo

Data de Aprovação: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Djiby Mané – (Orientador)
Universidade de Brasília – UnB.

Prof^a. Mestranda Ana Cristina de Araújo
Universidade de Brasília – UnB.

Prof^o. Mestranda Catarina Ana Machado
Universidade de Brasília – UnB.

DEDICATORIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ter me dado saúde, coragem e fé na anciã de poder trilhar os caminhos percorridos durante os quatro (04) anos de estudo, para cursar a graduação de Licenciatura em Educação do Campo em Planaltina / FUP Universidade de Brasília (UNB).

Dedico também aos meus familiares, que me dá todo apoio, pois compreende a importância e o valor da conquista do nível superior para mim.

As minhas filhas que colaboraram comigo em todos os momentos que precisei de apoio e por ter ficado sempre ao meu lado.

À minha cunhada Cemiana e meu irmão Joaquim que colaboraram em minha ausência cuidando de minhas filhas.

A comunidade “Quilombo”, pelos moradores que contribuíram com suas orações e palavras de incentivos na concretização de minha formação.

A direção, profissionais e comunidade escolar Severiano Vieira da Silva, que souberam compreender os motivos da minha ausência no meu local de trabalho. Também por ter contribuído com as informações que precisei na elaboração da pesquisa para Monografia.

Aos educadores/as da LEdoC: da área de Linguagem que somaram conosco seus conhecimentos, suas atenções e seus carinhos durante todo processo de ensino/aprendizagem. Também aos educadores/as que estiveram desde o início até ao término do curso, e que nós proporcionaram momentos importantíssimos na nossa formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A Deus

Grandes foram às lutas, maiores as vitórias. Sempre estivestes comigo. Muitas vezes, pensei em que este momento nunca chegaria. Queria recuar-me ou parar; no entanto tu sempre estavas presentes, fazendo da derrota uma vitória, da fraqueza uma força. Com a tua força venci. A emoção é forte. Não cheguei ao fim, mas ao início de uma longa caminhada. Por isso eu digo obrigado meu Deus.

Aos Pais

Eu lhe fui confiado por Deus para ser treinado para a vida e, no final desta tão importante etapa, vi o valor deste treinamento que me deram. Vi como vocês me amaram através do apoio, do incentivo, da paciência e das orações, e até dos sacrifícios por mim.

Minha gratidão vai além de meu sentimento por vocês, pois vocês cumpriram o Dom Divino. O dom de ser pai, o dom de ser mãe. Amo vocês!

Aos que amo

Aqueles que contribuíram para o meu êxito. Aos irmãos/irmãs, sobrinhos/ sobrinhas e os demais parentes, pelo constante incentivo e apoio neste caminho por mim trilhado.

O meu perdão pelos momentos que egoisticamente me desassociei da luta do dia-a-dia para que pudesse levar adiante a efetivação do meu ideal. As minhas filhas: Thaynara J.C. Gomes, July S.C. Gomes e Kamilly V. C.Gomes, razão maior de minha luta, o meu carinho e a minha eterna gratidão pela paciência e compreensão que demonstraram ao longo desses anos, cedendo muitas das poucas horas que dispunha da minha presença. Sintam-se todos abraçados ao final desta jornada, com profundo sentimento de gratidão dedicolhes meu mérito.

Aos Mestres

Uns são homens; alguns são educadores; poucos são mestres. Aos primeiros, escuta-se; aos segundos, respeita-se; aos terceiros, segue-se. Minha eterna gratidão aos mestres, que pelo resultado de um esforço comum,

repartiram comigo os seus conhecimentos, transformando meus ideais em realizações.

Aos amigos, colegas Panteras Negras

A todos os colegas que compartilharam comigo os anos de estudos e expectativas no cotidiano da vida escolar, sabendo cultivar uma amizade que o tempo amadureceu, os meus sinceros agradecimentos. Que tudo que apreendemos seja luz para nossos caminhos. E que, mesmo agora quando cada um de nos parte em busca de seu caminho, não se apague ou esqueça o brilho do companheirismo mútuo.

Que esse adeus ressoe sempre em nossos corações, pelo reflexo da saudade que já se faz presente. Para aqueles que, por motivos vários, nos deixaram o meu abraço e a esperança de um reencontro. A nossa amizade aqueles que me quiseram bem; o meu perdão, aqueles que, por motivos alheios a minha vontade, não me compreenderam.

Aos que contribuíram comigo e que juntos riram, choraram, sofreram, tendo sempre em seus lábios uma palavra de coragem e conforto, que é uma das causas da felicidade de hoje. Muito obrigado a vocês, não importa quantos nomes vocês tenham.

Colegas Profissionais e comunidade escolar

Ao prefeito Valdeci Kemmer, Secretaria Municipal de Educação de Jangada- MT, Direção, colegas educadores/as, funcionários da escola Municipal do Campo Severiano Vieira da Silva, pais, educandos/as e comunidade. A todos o meu enorme carinho, pela compreensão e pelo apoio, nos períodos em que me ausentei para cumprir a etapa do regulamento do Curso: Licenciatura em Educação do Campo, Tempo Universidade (TU).

Escola de Inserção (IOC)

A Escola estadual do Campo, Damião Mamedes do Nascimento, onde pode desenvolver minhas atividades de inserção e contar com a contribuição da direção, coordenação e profissionais na realização de estágio. O meu muito obrigado por fazerem parte da minha formação acadêmica e por ter me cedido o espaço para a concretização de um sonho.

EPÍGRAFE

*O outro é aquele que eu faço
E que desfaço enquanto me faço.
E, como me faço ao falar de mim.
Só falando o que faço.
O outro também sou eu,
Que me faço e me desfaço.
O outro sempre sou eu.
Vendo e fazendo
O outro que não sou eu.
Carlos Alberto Maldonado*

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, e encontram-se na temporalidade e Saberes próprios dos estudantes, na memória Coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que assoas soluções exigidas por essas Questões à qualidade social da vida coletiva do país. (Resolução. n° 01/CNE/02, Diretrizes Operacionais da educação do campo. Art.2º)

LISTA DE ABREVIATURAS

EMCEB - Escola Municipal do campo de Educação Básica

IOC – Inserção orientada na Escola

LEdoC- Licenciatura em Educação do Campo

MT – Mato Grosso

PCNs- Parâmetro Curriculares Nacional

PDE- Plano de Desenvolvimento da Escola

PPP- Projeto Político Pedagógico

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

TU – Tempo Universidade

UNB – Universidade de Brasília

RESUMO

O presente trabalho faz uma análise de textos produzidos por alunos do 4ª ano, da Escola do Campo Severiano Vieira da Silva do Município de Jangada – MT, para averiguar as interferências da fala na escrita. Para fundamentar essa análise, foram aplicados questionários a alunos, professores e supervisor da escola. No que diz respeito à metodologia da pesquisa, usamos a qualitativa de cunho etnográfico. Foram utilizados recursos como dados escritos, observações e entrevistas que deram autenticidade aos registros coletados em campo. Já para a fundamentação teórica, recorremos a estudiosos e teóricos como Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Caldart (2000), Morais (2002; 2003), Travaglia (2009), entre outros. Assim, espera-se que esse trabalho possa contribuir de alguma forma com a prática educativa, já que ele mesmo é uma reflexão de uma dada prática – no processo de ensino-aprendizagem na fase do letramento, sobretudo no que diz respeito à ortografia.

Palavras-chaves: Variação linguística, fala escrita, Educação do Campo; Erros ortográficos.

ABSTRACT

This study is an analysis of texts written by students of 4th year of the School Field Severiano Vieira da Silva in the city of Jangada - MT, to investigate the interference of speech in writing. To support this analysis included questionnaires to students, teachers and school supervisor. With regard to the methodology of research, we use qualitative ethnographic. Resources were used as written data, views and interviews that gave authenticity to the records collected in the field. As for the theoretical background, we turn to scholars and theorists like Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Caldart (2000), Mitchell (2002; 2003), Travaglia (2009), among others. Thus, it is expected that this work can contribute in some way with the educational practice, since he himself is a reflection of a given practice - in the teaching-learning process in literacy phase, particularly with regard to orthography.

Keywords: Linguistic variation, speaking, writing, Rural Education; orthography errors.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	
Metodologia de pesquisa	15
1.1- Metodologia adotada.....	15
1.2- Instrumentos de pesquisa.....	16
1.3- Pessoas pesquisadas.....	16
1.4-Objetivos.....	17
1.4.1-Objetivo Geral.....	17
1.4.2-Objetivos Especifico.....	17
1.5-Pergunta da Pesquisa.....	17
1.6-Identificação do município Jangada – MT.....	18
1.7- Caracterização da comunidade de Vaquejador, Jangada – MT.....	19
1.8- Escola Municipal do Campo de Ensino Básico Severiano Vieira da Silva...	21
1.9- Educação do Campo: um processo de transformação no meio social.....	24
1.10-Licenciatura em Educação do Campo: Um sonho em construção.....	27
CAPÍTULO II	
Aporte teórico	29
2.1- A ortografia e sua aprendizagem.....	29
2.2- Níveis de conceito de linguagem.....	33
2.3- A sociolinguística na sala de aula.....	35
CAPÍTULO III	
Análise de dados	38
3.1- Análise de observação feita pela pesquisadora.....	39
3.2- Análise de entrevista feita com educandos.....	40
3.3- Entrevista feita com a professora regente da Escola Severiano Vieira da Silva	46
3.4- Análise de questionário aplicado ao supervisor.....	49
3.5- Análise de textos produzidos pelos educandos.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICES	60
ANEXOS	61

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico apresenta a análise de textos produzidos por educandos do 4º ano do Ensino Fundamental, anos iniciais da Escola do Campo de Educação Básica, Severiano Vieira da Silva, da comunidade de Vaquejador município de Jangada – MT. Além disso, analisa questionários aplicados a educadores, estudantes e supervisores para ter um diagnóstico sobre os problemas de ortografia dos alunos.

O interesse por esse tema surgiu através de relatos de pais, sondagem em sala de aula e conselhos de classe com educadores que atuam na mencionada instituição de ensino. Assim, constatamos a preocupação de todos com alguns educandos (as) que apresentam dificuldades ortográficas, causando ansiedade não apenas em analisar a natureza dos erros, mas também saber qual é a causa que leva o educando a cometê-los.

No entanto, a minha inserção nesta instituição escolar se deu através do vínculo profissional, atuando há seis (06) anos como educadora. Diante disso, devemos ressaltar que as preocupações com o tema em questão já vinham apresentando inquietação por algum tempo.

Percebemos que no trabalho cotidiano em sala de aula, pode-se observar a dificuldade na escrita das palavras e quando desafiados, os educandos ficam em dúvida de como escrevê-la. Devido à preocupação de muitos colegas professores que atuam nesta instituição de ensino, e, relatos de pais nas assembleias gerais que acontece nos finais de cada bimestre, com relação ao tema em estudo, começamos a pesquisar na Escola Municipal do Campo “Severiano Vieira da Silva”, da rede pública municipal de ensino Fundamental.

A pesquisa foi realizada com o acompanhamento dos educandos através de produções de textos, observações e roteiro de entrevistas. Durante o processo, todas as observações foram anotadas, bem como o processo de alcance ou não do objetivo proposto, ou seja, analisar o progresso e a assimilação da oralidade e de regras ortográficas no processo de escrita.

Nesta perspectiva, foram entrevistados (01) professora regente graduada em pedagogia, referida como P1 (Professor1), um (01) supervisor

pedagógico e dois (02) educandos (E1 e E2) do 4º ano do ensino fundamental anos iniciais no sentido de obter informações que serão utilizadas como instrumento para análise de dados.

Diante desse aspecto, a escola trabalha as pratica do ensino / aprendizagem voltada para a educação do/no campo. No entanto, percebe-se que ultimamente os educandos/as vêm enfrentando dificuldades em apreender a ler e escrever de acordo com a norma culta da língua, devido apresentar diversas formas no modo de falar.

Diante disso, este trabalho consiste em fazer a analise da oralidade e da escrita desses educando/as, através de observações em sala de aula, fazendo a analise de produção de textos, relacionando com a norma culta da escrita e da oralidade.

No entanto, pretende também entender como a escola do campo Severiano Vieira da Silva e o educador têm tratado o problema dos chamados “erros ortográficos”, como é feito a avaliação e a intervenção durante um evento de oralidade e de produção escrita dos educandos.

A partir disso, propor um trabalho diferenciado, onde a escola do campo possa estar desenvolvendo novos métodos que envolvem o estudo da língua culta com a língua materna.

Portanto, esta monografia se justifica pelo fato de não existirem estudos sobre "erros ortográficos" na E. M.C. Severiano. V. S. Penso que o produto desse trabalho poderá despertar o interesse dos educadores sobre o tema em questão, permitindo tanto a ampliação dos meus conhecimentos, quanto à melhoria de minha prática educativa. Contribuirá também como incentivo no trabalho pedagógico em sala de aula, visando analisar a natureza dos erros ortográficos desde o início, bem como as possibilidades de soluções desta problemática, pois mais que meros “erros”, esta questão tem a ver com inclusão e mesmo com a concepção de ser humano.

A base teórica desse trabalho recorreu a Bortoni-Ricardo (2004 e 2005), Travaglia, (2009), Russo e Vian (1999), Murta (2008), PPP – Plano Político Pedagógico da Escola Municipal do Campo de ensino Básico Severiano Vieira da silva (2008), Morais (2003 e 2004). No que diz respeito à metodologia, a pesquisa foi subsidiada por entrevistas, observação em sala de aula, coletas de textos produzidos por educandos do 4º, e analise dos referidos textos.

Além da introdução e da conclusão, este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, fala-se da metodologia etnográfica que dá sustentabilidade para a pesquisadora percorrer todo o trabalho, seja na base escrita ou em trabalho de campo. Apresenta também uma breve discussão sobre as lutas sociais em busca de uma Educação Básica para o Campo. Quanto ao segundo capítulo, ele apresenta os aspectos teóricos que fundamentam o tema em questão e a análise dos dados. Já o terceiro analisa os dados coletados nesta pesquisa de campo. Os dados que serviram de base para esse trabalho se encontram em apêndices e anexos.

CAPITULO I

METODOLOGIA DE PESQUISA

1.1 A metodologia adotada

O presente trabalho tem como base de pesquisa a metodologia qualitativa que tem como estratégia a perspectiva etnográfica que, segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 51), requer uma “geração de registros”. Para isso, não há dicotomia entre as fases que dão início ao planejamento e observações em que serão utilizadas para os registros dos dados coletados que terão como foco a reflexão e análise por meio de interpretações.

De acordo com Gil (2010), a pesquisa etnográfica tem origem na antropologia, sendo utilizada tradicionalmente para a descrição dos elementos de uma cultura específica tais como comportamentos, crenças e valores, baseando-se em informações coletadas mediante trabalho de campo. Foi utilizada originalmente para a descrição das sociedades sem escrita. Seu uso, no entanto, foi se difundindo e nos dias atuais é utilizada também no estudo de organizações em sociedade complexas.

Sendo assim, Gil (2010) afirma que o uso da pesquisa etnográfica vem se tornando cada vez mais constante em campos como os da educação, saúde coletiva e administração.

É nesse sentido que me proponho a fazer o uso da pesquisa etnográfica com o intuito de analisar, entender e contribuir com o processo de ensino e aprendizagem de educandos (as) que vivem e estudam em escola do campo, tendo em vista, sua cultura de oralidade e letramento.

O foco principal é compreender o porquê da ocorrência de “erros ortográficos” desses educandos. A forma como é ensinada a língua padrão a falantes de variedades populares leva, conseqüentemente em alguns casos, à discriminação e ao desinteresse pela vida escolar.

Para Gil (2010), pode-se dizer que a pesquisa etnográfica tem como propósito o estudo das pessoas em seu próprio ambiente mediante a utilização de procedimentos como entrevistas em profundidade e observação participante. É o método por excelência da antropologia, que, como disciplina

holística, volta-se para o estudo das múltiplas manifestações de uma comunidade ao longo do tempo e do espaço.

Nesse sentido, é importante que o pesquisador tenha uma visão mais completa e detalhada possível da ecologia social da sala de aula que está investigando.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005, p.238), a pesquisa etnográfica em sala de aula no Brasil e em outros países, tem mostrado que o educador que não administra bem os turnos de fala tem menos chances de obter bons resultados em seus trabalhos pedagógicos. Nesse sentido, é importante a participação e integração dos falantes, que estão sendo avaliados no sentido de o pesquisador capturar as informações precisas no registro da pesquisa.

1.2 Instrumentos de pesquisa

Este trabalho tem como eixo central as observações, entrevista por meio de roteiro e análise em produções textuais fazendo uso de pressupostos voltados para a realidade e cultura de educandos e educandas da escola do campo, Severiano V. S. Consiste ainda no detalhamento da leitura e da produção escrita para extrair informações de qualidade e autênticas, por meio da sociolinguística e do letramento que visam à interação do sujeito na sociedade de forma autônoma e criativa.

As informações colhidas por meio da entrevista com o Supervisor coordenador pedagógico, da observação em sala de aula, da análise de textos e das entrevistas com a educadora e educandos permitirão a realização de um trabalho que busca revelar as contribuições, e, a importância do ensino e aprendizagem das variedades que a sociolinguística e o letramento têm se materializado na escola do campo.

1.3. Pessoas pesquisadas

Para efetuar este trabalho, além das observações e sondagem que já vinham sendo feitas no decorrer do dia-a-dia da vida escolar destes educandos, foi realizada também durante um período de quatro (04) horas aulas, observação em sala com o intuito de perceber a interação por meio da

leitura e da escrita. Foi aplicado um questionário ao supervisor pedagógico da escola no âmbito de perceber sua contribuição nas atividades pedagógicas com os profissionais da escola. Este utilizará o pseudônimo S1. Além disso, serão apresentados cinco (05) textos produzidos por cinco (05) educandos para fazer a análise dos possíveis “erros” ortográficos e entrevista com (02) alunos que representará a turma como um todo e que utilizarão o pseudônimo : E1, E2, E3, E4 e E5.

Devemos ressaltar que, os educandos apresentados nesta pesquisa têm entre nove (09) e dez (10) anos de idade. Moram em comunidades rurais deste mesmo município, (Jangada - MT).

1.4. Objetivo da pesquisa

1.4.1. Geral

- Compreender o porquê da ocorrência de “erros ortográficos” dos educandos, bem como a forma como é ensinada a língua padrão a falantes de variedades populares.

1.4.2. Específicos

- Conhecer o método usado pelo educador, no sentido de correção e avaliação das produções feitas pelos educandos.
- Refletir sobre aspectos políticos de alfabetização que incluem o uso da leitura e da escrita, e, conseqüentemente, as relações entre linguagem e poder.
- Analisar os textos produzidos pelos alunos no intuito de entender os motivos da interferência da oralidade em sua escrita.
- Investigar e compreender os valores culturais associados á normas linguística de prestígio na sociedade moderna.

1.5. Pergunta da pesquisa

As inquietações que levantadas nessa pesquisa são: como trabalhar a sociolinguística na sala de aula na escola do campo? De que forma o educador pode organizar e associar a oralidade diversificada dos educandos com a

escrita da norma padrão sem perder de vista a dinâmica da cultura local? Como o currículo da educação do campo trata as questões que, conseqüentemente, afetarão na formação dos educandos?

1.6. Identificação do município de Jangada – MT

De acordo com o mapa, Jangada está localizada na região Sudoeste do estado de Mato Grosso, especificamente conhecida como Baixada Cuiabana devida à sua proximidade a Cuiabá, capital de Mato Grosso.

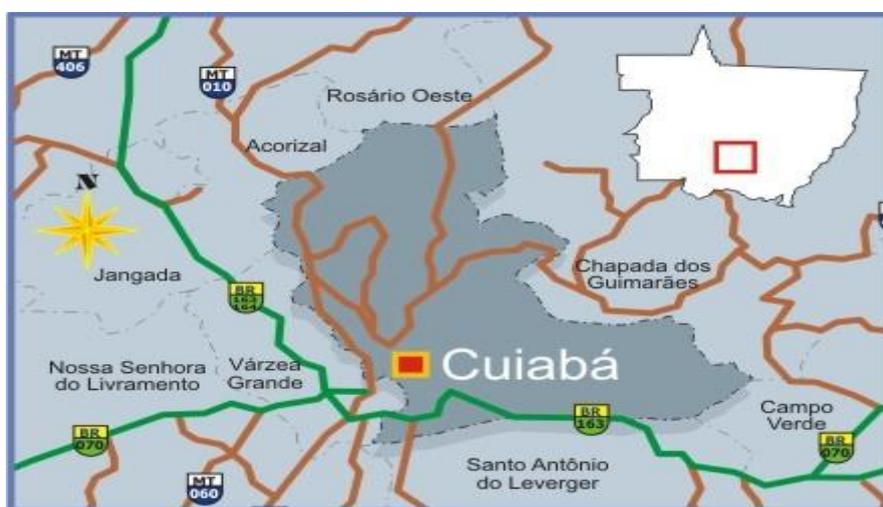


Figura. 1 – Mapa do Município de Jangada - MT
Fonte. <http://www.mtseusmunicipio.com.br>. Acessado no dia 12/11/2014, as 15:20 horas.

Segundo Ferreira (1998), Jangada era constituída de um pequeno povoado formado inicialmente por apenas 08 famílias, sendo os primeiros a chegar aqui foram: Félix José de Trindade, Ricardo Firmo da Cunha, Joaquim Marques da Silva, Antônio de Almeida e Fidêncio Ribeiro, sendo que os cinco primeiros dedicaram-se a lavoura e os três seguintes ao comércio local, cujo território pertencia ao município de Acorizal.

Inicialmente denominado de Passa Três, passou a ser chamada Jangada, em função do Ribeirão Jangada que corta o município, inclusive a sede, indo desaguar no Rio Cuiabá.

Os primeiros cidadãos que se aventuraram a lidar com o comércio local foram Inocência Vieira de Almeida, Antônio Borges de Figueiredo e Sebastião

Correa de Moraes. Eles traziam mercadorias para revenda da antiga Vila da Passagem da Conceição, hoje distrito de Várzea Grande.

Antes da abertura da BR, o transporte era feito por caminhos às margens do Rio Cuiabá, em lombo de burros e carros de bois. Uma viagem que chegava a durar até dez dias, em viagem de ida e volta.

Com a abertura da BR 29 em 1940, essa situação sofreu uma transformação para melhor, pois, o percurso passou a ser feito por carros e caminhões. Sua população teve a expectativa de progresso chegando à região, em virtude de a rodovia dar acesso a várias regiões do Estado. Jangada é um corredor de passagem para todo o Norte do Estado, facilitando assim o fluxo migratório dentro e fora do Estado.

A abertura da BR – 29 em 1940 deu novo alento ao lugar, criando expectativa de progresso em sua gente. Posteriormente, esta rodovia passou a ser chamada BR 364, acesso para a BR 163 e para MT 358, que dá entrada para Barra dos Bugres e Tangará da Serra. O desenvolvimento propriamente dito deve-se ao fato da região ser entroncamento rodoviário, com acesso a diferentes regiões do Estado, facilitando o fluxo migratório daqueles que vinham em busca de novos rumos.

A lei número 209 de 02 de dezembro de 1945 criou o distrito de Jangada. Por muitos anos o povoado não passava de um amontoado de casas, sem expressão política ou comercial.

A Lei número 5.051, de 11 de setembro de 1976, de autoria da bancada do PDS e PMDB, criou o município de Jangada com território desmembrado do município de Acorizal.

O povoado em formação passou a ser chamado de Jangada em função do riacho que leva este nome, corta sede municipal e despeja suas águas no rio Cuiabá.

O primeiro professor do povoado de Passa Três foi Arlindo de Souza Bruno – pioneiro da Educação. Depois veio o professor Alcendino Montezuma de Carvalho. Monte Zuma fez história em Jangada.

1.7 Caracterização da comunidade de Vaquejador – Jangada - MT

A comunidade do Vaquejador está localizada a 25 km da sede municipal de Jangada – MT, sendo a estrada de terra o único meio de acesso ao município.

Atualmente ela é constituída por 48 famílias com residências próprias e contam com uma infraestrutura básica como: rede de energia elétrica do programa do governo federal (Luz para todos), rede de água do poço artesiano, um agente comunitário/domiciliar, uma igreja católica, telefone celular particular, uma Escola Municipal que atende educandos de outras comunidades vizinhas deste mesmo município (Jangada - MT).

Conta também com um transporte terceirizado de 2ª a 6ª feira para o deslocamento dos municípios até a sede municipal.

A referida comunidade surgiu através de pessoas oriundas de diversas localidades do Brasil.

As terras antes eram consideradas “terras devolutas”, ou seja, eram terras livres.

Com a colonização do Brasil e com a existência de indígenas no local, migraram pessoas de outros lugares povoando a comunidade, regiões e entorno. Com o tempo, essas pessoas passaram a cercar seus territórios considerando proprietários daqueles espaços.

Vaquejador faz parte das trinta e seis (36) comunidades tradicionais do município de Jangada – Mato Grosso. A comunidade tem como costumes manter as tradições culturais herdadas pelos seus antepassados. Nessas tradições estão: Danças e Crença (siriri, Cururu, ladainha cantada e entre outros).

Segundo o relato de alguns moradores antigos, a comunidade tem este nome (Vaquejador), devido ao fluxo migratório de vaqueiros que ali passavam com boiadas (bois), transportando uma grande quantidade de animais vindo das grandes fazendas da região, e que se instalariam em outros locais.

Com todo esse processo migratório, surgiram os primeiros moradores daquela comunidade, sendo um deles o senhor Severiano Vieira da Silva, considerado uma das molas propulsoras do desenvolvimento dessa comunidade.

A principal atividade Econômica é a agricultura de subsistência (mandioca), junto com a economia solidária, plantações de algumas variedades de frutas e também a piscicultura.

1.8 Escola Municipal do Campo de Educação Básica “Severiano Vieira da Silva”

A Escola Municipal de Educação Básica do Campo Severiano Vieira da Silva está situada na Comunidade do Vaquejador, na Zona Rural do município de Jangada – MT. Ela foi criada e denominada pela Lei Municipal nº. 254 de 17 de Março de 1984 e autorizada a funcionar pela Portaria nº 3.277/92 e Resolução de nº 118.384/004 do Conselho Estadual de Mato Grosso. Ela tem esta denominação em homenagem ao antigo morador e fundador da comunidade, o senhor Severiano Vieira da Silva, que foi a mola propulsora fundamental na construção da comunidade local.

A referida escola atende as modalidades: Educação infantil, 1º ciclo e 2º ciclo do ensino fundamental dos anos iniciais. A clientela predominante vem das comunidades rurais deste mesmo município (Jangada - MT). Ela é composta por filhos de pequenos agricultores, funcionários públicos e pequenos comerciantes.

Atende também estudantes vindos de diversas comunidades vizinhas da região. Atualmente a escola conta com 190 alunos nos dois períodos de funcionamento, matutino e vespertino.

Quanto a sua organização, ela tem a preocupação de planejar e organizar os eventos da melhor forma possível. Os educandos e educadores participam desenvolvendo atividades teóricas e práticas, em muitas delas através de oficinas, projetos e temas geradores.

No entanto, o fato dos educandos estarem distribuídas entre várias comunidades, muitas crianças enfrentam uma trajetória longa para chegarem ao local destinado, por residirem em comunidades distantes da escola que frequentam, em razão disso, o cansaço acaba interferindo na aprendizagem de alguns educandos (as). No entanto, ela conta com cinco (05) ônibus que fazem a rota escolar.

Lembramos que a casos também de crianças que enfrentam problemas diante da desestruturação familiar. Essa situação, algumas vezes, gera conflitos dentro e fora da sala de aula, desinteresses pelos estudos, desrespeitos entre colegas, com professores e funcionários.

Diante disso, a escola do campo tem por metodologia trabalhar com a comunidade escolar valorizando ações de pluralidade no meio da didática pedagógica do ensino aprendizagem. Com isso, levar a família para dentro da escola é de suma importância, pois, além de acompanhar seus filhos com a atividade escolar contribui também no desenvolvimento comportamental dentro e fora da sala de aula.

A metodologia utilizada pela instituição contempla todos os elementos contidos nos objetivos gerais da escola, que é proporcionar um ensino de qualidade aos educandos. Os professores desenvolvem seu trabalho de forma diferenciada valorizando também a cultura e o conhecimento prévio do aluno, dando visão globalizada da organização da sociedade atual. Porém, mesmo apresentando um quadro de profissionais com formação acadêmica (pedagogos), a escola não deixa de enfrentar problemas.

Nessa perspectiva, além de trabalhar todos esses elementos citados acima e os demais, um dos objetivos da escola é oferecer um ensino de qualidade para todos os alunos, independentemente de sua classe social.

Um dos papéis fundamentais da Escola do Campo Severiano Vieira da Silva, é preparar o aluno para que seja agente de mudanças dentro do contexto social em que vive, valorizando, através de uma educação participativa, formal e não formal, a capacitá-los e a continuar desenvolvendo habilidades e competências de modo que os objetivos da formação do sujeito que vive e trabalha no campo seja assegurado.

Sendo assim, a escola deve desenvolver seus trabalhos pedagógicos voltados para a realidade da comunidade escolar do campo, baseado na agricultura familiar e distribuição de renda entre a população do campo, na defesa da igualdade coletiva e produção sustentável.

Nessa perspectiva, é fundamental que a escola do/no campo assuma suas responsabilidades, que se encontre enquanto lugar onde se busca a construção de uma proposta de ensino na sua globalidade, que o processo de

ensino não seja a representação de um conhecimento fragmentado e distanciado dos problemas cotidianos.

Nesse sentido, é importante a construção de um projeto, que leve em conta o que acontece também fora da escola, atento às transformações sociais e considerando os saberes construídos coletivamente por todos da comunidade. Esse projeto é um mediador entre os envolvidos no processo de desenvolvimento de habilidades que viabilizem conhecer, interpretar e produzir o novo. Ademais, deve-se buscar compreender a realidade, tendo em vista a transformação individual e social de todos, bem como uma indispensável melhoria da qualidade de vida, valorizando as diversidade/especificidades do povo do campo.

O projeto político pedagógico (PPP) da escola é construído em coletivo, com a participação de pais, estudantes, professores, funcionários dos setores de cozinha e guardas noturnos e diurnos. A Escola conta também com o plano de desenvolvimento da escola (PDE). As atividades para esses dois projetos têm a finalidade de serem feitas as discussões e produções de metas de forma dialogada entre escola e comunidade, para que ambas assumam as responsabilidades e o compromisso com os sujeitos que ali estão inseridos.

Dessa forma, este trabalho coletivo tem como perspectiva inserir projetos que defendem a educação do campo, criar um novo cenário, quando se propõe implantar uma escola que seja capaz de participar e colaborar na renovação da vida das pessoas da comunidade, da sociedade e da natureza, através de ação conjunta e compartilhada de todos que participam do projeto.

Quanto à avaliação, desenvolve-se em torno de: diagnóstica, relatório, simulado, Provinha Brasil. Além disso, reconhecendo a necessidade da averiguação da aprendizagem dos educandos (as), de forma investigativa e contínua.

Nesse sentido, este trabalho contribuirá com um novo olhar para o ensino com a oralidade e a produção escrita desses educandos (as). O intuito é que todos se empenhem em desenvolver um ensino de qualidade voltada para a sua realidade. Ou seja, tratar as diferenças e as dificuldades encontradas desde a base, levar os educandos a entenderem que existem diferenças entre fala e escrita.

Contudo, a inserção do indivíduo no mundo das relações sociais é regida pelos princípios da igualdade, das relações simbólicas de forma que ele possa produzir e usufruir de conhecimentos e valores culturais e morais e trabalho, nos quais são construídas as bases materiais de uma existência digna e autônoma.

1.9 Educação do campo: um processo de transformação no meio social

Quando falamos em Educação do/no Campo, logo vem à mente os desafios, as lutas, as derrotas, mas, também as conquistas que, através de movimentos, organizações, entidades e instituições, conseguiram um grande avanço em prol de um futuro melhor para os sujeitos do campo.

De acordo com Caldart (2000) o movimento da educação do campo nasceu através de exposições, debates e seminários nacionais, e o seu objetivo é refletir sobre a identidade que vem sendo construída pelos sujeitos que se juntam para lutar por uma educação do campo.

Para Caldart (2000), o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive. O povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às necessidades humanas e sociais.

Sendo assim, é importante entendermos que uma escola do campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeito social que também podem ajudar no processo de humanização, do conjunto de sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito; pelos desafios da sua relação com o conjunto da sociedade. Porque não há Escolas do Campo sem formação dos sujeitos sociais do campo, que admitem e lutem por esta entidade e por um projeto de futuro (CALDART, 2003).

Nesse sentido, ao saber do curso da Licenciatura em Educação do Campo, oferecida pela Universidade de Brasília (UNB), procurei logo me inserir como acadêmica na tentativa de abrir novos horizontes e fortalecer o vínculo com a comunidade, escola e sociedade do campo.

Logo no começo do curso, pude perceber que estava no lugar certo, me identifiquei com a metodologia e com o objetivo da Licenciatura. Porém, tive

dificuldades em desenvolver algumas atividades no decorrer dos estudos, devido à precariedade do ensino no campo alguns tempos atrás. A educação oferecida no campo não contemplava todos os campos que uma escola deve oferecer ao educando, pois, o ensino era limitado e a população tinha pouco acesso à educação.

Durante o período de formação universitária, pudemos perceber a preocupação e a dedicação de pessoas militantes que buscam mudanças e transformação no modo de vida da população do/no campo.

De acordo com Caldart (2003), há uma tendência dominante em nosso país, marcado por exclusões e desigualdades. A maioria da população que vive no campo é considerada como a parte atrasada e fora do lugar no almejado projeto de modernidade.

A falta de políticas públicas, planejamentos e investimentos acabam fazendo com que muitas famílias mudem seu roteiro de vida, tendo que procurar outra forma de sobrevivência.

É nesse contexto que estamos tendo a oportunidade de nos formar em Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade de Brasília (UNB). O nosso objetivo com o curso é retornarmos à comunidade para auxiliarmos na educação escolar das crianças, jovens e adultos que frequentam as escolas instaladas no município.

Temos a convicção de que é possível e necessário pensar e programar um projeto de desenvolvimento para o Brasil que inclua milhões de pessoas que vivem no campo.

O propósito é conceber uma educação básica do campo, voltada aos interesses e ao desenvolvimento sociocultural e econômico dos povos que habitam e trabalham no campo.

Assim, o projeto de educação do campo deve contemplar às suas diferenças históricas e culturais, para que vivam com dignidade e para que organizados, resistam contra a expulsão e a expropriação.

Para construir esse projeto de escola do/no campo, é preciso termos clareza do lugar que a educação pode ocupar na construção de um projeto de desenvolvimento. Nesse sentido, Caldart (2000) aponta alguns pontos necessários para que isso ocorra:

Trabalhar os interesses, a política, a cultura e a economia dos diversos grupos de trabalhadores e trabalhadoras do campo;
Pensar num conjunto de transformação que a realidade vem exigindo nesse espaço social, respeitando seus princípios e valores adquiridos por seu antepassado;
Compromisso ético/moral com cada e de cada participante de nossas práticas educacionais, como pessoas humanas, singulares e sociais, que tem necessidades, interesse, desejos, saberes, cultura e que merecem respeito, disponibilidade e seriedade de educadores e educadoras, de entidades e de governos;
Compromisso com a cultura do povo do campo que implica resgate, conservação, recriação;
Maior participação da população na tomada de decisões sobre a gestão do cotidiano escolar, sobre propostas pedagógicas e sobre políticas públicas;
Maior participação dos educandos (as) na gestão do cotidiano escolar, superando a mera democracia representativa;
Criação de coletivos pedagógicos capazes de pensarem e repensarem esses processos de transformações, e traduzi-los em ações educativas concretos;
Incorporar o currículo como forma de organizar o processo educativo na escola;
Estabelecer novos vínculos, novas condições e nova identidade para educadores e educadoras do campo. (CALDART 2000, p. 26)

Sendo assim, é fundamental de fato, uma nova prática de escola do campo que está sendo gestada neste movimento. As educadoras e os educadores do campo vêm participando intensamente do processo de transformação, potencializando mais os elementos presentes nas diversas experiências.

Com isso, levar o compromisso ético/moral com cada e de cada participante de nossas práticas educacionais, como pessoas humanas, singulares e sociais, merece respeito, disponibilidade e seriedade de educadores e educadoras, de entidades e de governos.

Assim, a concepção de escola do campo está enraizada no processo histórico da luta de classe trabalhadora pela superação do sistema capitalista. E nesse contexto, os sujeitos do campo fazem parte desta luta, e têm como direito a garantia da escolarização e a valorização de sua cultura.

No entanto, a transformação desses ideais só será possível com maior participação da população na tomada de decisões sobre a gestão do cotidiano escolar, as propostas pedagógicas, as políticas públicas, e com a participação dos educandos (as) na gestão do cotidiano escolar, superando a mera democracia representativa.

Diante da concretização dessas práticas, é preciso incorporar ações coletivo-pedagógicas capazes de pensarem e repensarem esses processos de transformações.

1.10. Licenciatura em educação do/no campo: um sonho em construção.

Discorrer sobre a Educação do/no Campo nos remete ao registro do protagonismo dos trabalhadores camponeses na luta pelo direito ao estudo vinculado à vida campesina. A Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, contexto do nosso estudo, é resultado dessas lutas e se configura como um legado dos trabalhadores do campo. Portanto, a LEdoC não é fruto apenas da intenção da UnB em formar educadores para as escolas do/no campo, mas uma concessão do poder público em resposta à mobilização dos trabalhadores organizados, sendo a universidade um meio para atender essas demandas.

A Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC - é um curso específico para os sujeitos que estão inseridos nas escolas ou em outros espaços educativos em assentamentos e comunidades camponesas. A especificidade do curso é justificada frente à realidade de que os educadores e educadoras do campo, em sua maioria, não possuem a formação mínima exigida ao exercício da profissão, o que resulta na limitação dos níveis de ensino e em uma oferta de educação pouco qualificada.

A LEdoC forma professores para atuar nas escolas do/no campo nas séries finais do ensino fundamental, ensino médio e no EJA (Educação de Jovem e Adultos). Os licenciados em Educação do campo têm opção entre as habilitados em Linguagens ou CIEMA – ciências da natureza e da matemática. Essas habilitações representam um projeto do curso que objetiva formar profisses não apenas para atuar por área de conhecimento, e não apenas em uma determinada disciplina, como se o conhecimento estivesse encaixotado em diferentes componentes curriculares. Essa proposta implica um novo jeito de conceber a educação com um processo amplo de aprendizado, onde os conhecimentos, por dialogarem entre si, não podem ser concebidos de forma estanque.

Nesse sentido, ao saber do curso da Licenciatura em Educação do Campo, oferecida pela Universidade de Brasília (UNB), procurei logo me inserir como acadêmica na tentativa de abrir novos horizontes e fortalecer o vínculo com a comunidade, escola e sociedade do campo.

É importante termos claro quem são os sujeitos dessa Educação para não construirmos uma visão, mesmo dentro da Educação do Campo, de que estamos buscando respostas e formas de intervir para a vida camponesa, relegando os trabalhadores que lá vivem à passividade dessas propostas. A universidade é que aprendeu com os trabalhadores organizados, e, a partir desses diálogos oportunizou espaços de democratização da educação. Portanto, os trabalhadores são tão sujeitos quanto as universidades nesse processo de construção de um campo para a vida, para o reconhecimento dos saberes, para as formas de luta.

Nesse sentido, Caldart (2012, p.262) afirma que:

A Educação do Campo não nasceu como teoria educacional. Suas primeiras questões foram práticas. Seus desafios atuais continuam sendo práticos, não se resolvendo no plano apenas da disputa teórica. Contudo, exatamente porque trata de práticas e de lutas contra-hegemônicas, ela exige teoria, e exigem cada vez mais rigor de análise da realidade concreta, perspectivas de práxis. Nos combates que lhe tem constituídos, a Educação do Campo reafirma e revigora uma concepção de educação de perspectivas emancipatória, vinculado a um projeto histórico, as lutas e a construção social e humana delongos prazos. Faz isso, ao se mover pelas necessidades formativas de uma classe portadora de futuro.

Portanto, o curso da Licenciatura em Educação do Campo vem somar com novos conceitos, novos conhecimentos na formação de educadores que estão sendo formados para atuar nas escolas do/no campo. Nesse sentido, temos a responsabilidade e o dever de contribuir com a mudança e a transformação de sonhos e ideais da população camponesa, quilombola, ribeirinha, de assentados e indígenas.

CAPÍTULO II

APORTE TEÓRICO

2.1. A ortografia e sua aprendizagem

Como ensinar ortografia às crianças da escola do campo? De modo geral, as opiniões a respeito dessa questão divergem e coexistem até hoje basicamente duas tendências. A primeira, herdada do ensino tradicional, é a tendência que consiste na pura e simples memorização, para a qual o ensino da ortografia se resume às constantes e infundáveis repetições de palavras. Nesse tipo de ensino, a valorização recai apenas sobre a memorização das palavras, em detrimento da reflexão sobre as questões ortográficas. Já para a segunda tendência, é preciso, de fato, ensinar a ortografia à criança. Entre os seguidores dessa tendência, temos Morais (2002) que afirma:

Pensamos que um ensino sistemático, que gradativamente leve à reflexão sobre as diferentes dificuldades de nossa ortografia, ajuda à criança exatamente a se tornar melhor escritora, já que a aquisição de certos automatismos na ortografia lhe permitirá voltar mais sua atenção na composição da história (ou outro tipo de texto) que ela está redigindo. Assim pouco a pouco, na hora de produzir seus textos, a criança não precisará estar frequente parando para decidir com qual letra vai escrever tal palavra (MORAIS 2002, p.119).

Em outras palavras, a criança terá mais tempo para organizar suas ideias para refletir criticamente sobre seus erros e acertos. Diante disso, é mister criar oportunidades para que a própria criança possa refletir sobre as dificuldades ortográficas de nossa língua. Efetivamente, tais dificuldades são apresentadas não só pelas crianças, mas também pelos adultos. É inegável que isso se deve principalmente ao meio em que vivem. Segundo Ferreira (1986),

...as dificuldades na ortografia – uma das causas da ‘expulsão encoberta’ – são mais frequentes em crianças de classe desprivilegiada. Uma das razões importantes é o fato da forma escrita da língua estar mais próxima das variedades linguísticas faladas pelas classes sociais dominantes. (FERREIRO 1986, p. 54).

Para Bortoni-Ricardo (2004), faz-se necessário refletir sobre as diferenças dialetais de educandos e educadores, uma vez que são consideradas como “erros de português” quando ocorrem na linguagem da norma considerada “cultura”. Em muitas situações, há dificuldades de compreensão entre “erros” e “diferenças” de variedades da língua.

Nesse sentido, deve-se trabalhar com metodologias que esclareçam aos educandos (as) as diferenças e a conservação das variedades populares presentes nas famílias, comunidades e região, uma vez que os falantes usam esses recursos de variação para enfatizar sua identidade.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), as línguas portuguesas vernáculas urbanas e rurais do Brasil decorrem do próprio processo de colonização do país. De acordo com Bortoni-Ricardo (2005 apud, Câmara Jr 1975b), o português falado no Brasil em zonas urbanas é resultado de um compromisso entre os múltiplos dialetos portugueses falados pelos colonos, procedentes das diversas províncias de Portugal. Já em zona rural, observa-se um maior distanciamento da norma portuguesa, pois nessa modalidade, foi possivelmente mais acentuada a influência do adstrato.

Neste caso, a escola, na verdade, desempenha satisfatoriamente o papel de reforçar as diferenças sociais. A ação do professor terá que ser de reflexão sobre os aspectos políticos de alfabetização que incluem os usos da escrita e da leitura e, conseqüentemente, as relações entre linguagem e poder. Assim, para Ferreiro,

Deve o educando (a) ser reprovado por erros na ortografia? Quem responde afirmativamente acredita que só o ingresso na norma culta auxilia um possível – mesmo que altamente improvável – processo de ascensão na escala social. Não se pode esquecer que a língua é uma convenção imposta pela classe ou grupo que detém o poder econômico, social e político. (FERREIRO 1986, p. 55)

O educando (a), por uma questão de sobrevivência econômica, tem que dominar a convenção ortográfica, a qual tenta representar o chamado código urbano oculto. O que a escola tem feito é reprovar esses alunos – que em geral são de classe desfavorecida - em etapas bem precoces da escolarização.

Nessa medida, cabe fazer a seguinte pergunta: a escola teria real interesse de que todos os alunos se apropriassem da leitura e da escrita?

Certamente a reprovação por problemas ortográficos se constitui numa resposta a essa questão. Em resposta a esta pergunta, Ferreiro (1986) afirma:

Quem responde negativamente a questão "Deve o educando e educanda ser reprovado por erros ortográficos?" Considera que o educando (a), embora apresentando erros ortográficos, podem evoluir nos demais conteúdos de aprendizagem (p.56).

Temos constatado a existência de muitos educandos (as) que, embora se encontrem a mais de um desvio de padrão da média, quanto ao desempenho na ortografia, apresentam rendimento satisfatório em outros conteúdos, experiências de aprendizagem em outras disciplinas. Os anos de escolaridades vividas por esses alunos, muitos deles repetindo séries, não teriam auxiliado a progredirem na ortografia, por razões diversas.

A sugestão é que não reprovem estes alunos pelos erros ortográficos e que avaliem seu desempenho, preferencialmente, pelo alcance de outros objetivos. Mas além desta conduta, é necessário que o professor converse com eles sobre suas dificuldades, destacando e valorizando outras áreas de competência dos educandos e fazendo-os entender que os erros ortográficos necessariamente não vão impedir sucesso na vida escolar e profissional.

Com isso, não se está, de nenhuma forma, desestimulando o ensino ortográfico, mas propondo que objetivos e critérios de avaliação na escola sejam repensados, bem como revistos os modos de ensinar a ortografia. Dessa forma, de acordo com Morais (2003), as normas ortográficas que uniformizam, na escrita, diferenças observadas na fala soa gradualmente incorporadas quando a criança percebe que não existe equivalência entre letra e som. (MORAIS 2003, p. 102)

A aquisição da ortografia é impulsionada por diversos fatores, tais como a exposição do aprendiz à língua escrita, a frequência de aparecimento das palavras, a regularidade ou não da notação ortográfica. Assim, Morais (2003, p. 105) apontam que: "Aqueles que têm maior contato com a língua escrita de palavras, o que implica que o contato frequente com atividades de leitura auxilia a aprendizagem da ortografia".

Para mudar o tratamento que damos ao ensino da ortografia em nossas escolas do campo, existe, no entanto, um aspecto cuja tomada de consciência

me parece fundamental: ensinar ortografia dentro de um contexto. Segundo os PCNs:

O trabalho com a memorização ortográfica deve estar contextualizado, basicamente, em situações em que os educandos (as) tenham razões para escrever corretamente, em que a legibilidade seja fundamental porque existem leitores de fato para a escrita que produzem. (PCNs1997, p.87)

Nesta perspectiva, o ensino da ortografia deve estar voltado para o desenvolvimento de uma atitude crítica em relação à própria escrita, ou seja, de preocupação com a adequação que afirma: e correção dos textos. O que condiz com Morais (2002, p. 119) “Vejo que muitas crianças e adolescentes não incorporam com a experiência escolar a atitude de voltar ao que escreveram”. “Noto muito frequentemente, que os alunos nem sequer relem seus textos...”.

É fundamental também desenvolver na criança, desde cedo, a compreensão de que o dicionário é uma fonte de informação e de grande valor, que é praticamente insubstituível quanto à ortografia das palavras. A consulta ao dicionário pode ser mais frequente e autônoma entre os educandos (as) que já têm certo conhecimento do sistema de escrita alfabética e que estejam desenvolvendo um ensino-aprendizagem sistemático da ortografia.

A consulta ao dicionário pressupõe conhecimento sobre as convenções da escrita e sobre as do próprio portador: além de saber que as palavras estão organizadas segundo a ordem alfabética, é preciso saber, que os verbos não aparecem flexionados. Praticamente insubstitui a criança, desde cedo, a compreensão para o desenvolvimento de uma atitude certo para a escrita que produz. (PCNs:1997, p. 87).

Enfatizo que, o educador terá um papel fundamental na construção da atitude da dúvida e antecipação que as crianças precisam ter ao interagir com o dicionário. Para Morais:

Se no domínio ortográfico o dicionário se presta especialmente para que avancemos em nossos conhecimentos sobre as irregularidades de nossa escrita, ele é sem dúvida uma fonte de saber sobre a linguagem que vai muito além do "escrever certo". Ele pode ser usado como um objeto de conhecimento – um objeto sobre o qual podemos ter curiosidade, duvidando, comparando, antecipando soluções. (MORAIS 2002, p.117)

Creio que a escola ajudará o educando e educanda a "organizar" mentalmente a norma ortográfica, de modo que ele próprio avance na identificação das questões ortográficas que podem ser compreendidas e das restrições que terão que ser memorizadas. Assim, outra confusão a ser evitada é a ideia de que o conhecimento ortográfico é um conhecimento de regras. Penso que tão útil e importante quanto compreender regras é saber identificar o que é irregular.

2.2. Níveis de conceitos de linguagem

De acordo com Russo e Vian (1999, p. 44), a capacidade de imaginação de uma criança atravessa fronteiras e muitas vezes nos surpreende tamanha é sua criatividade. Segundo as autoras, existem momentos em que, ao expressar suas ideias e seu mundo imaginário, ela foge de qualquer regra convencional de escrita, mais seu objetivo é tão claro que não podemos, simplesmente, frustrar sua criação.

Para a criança, tudo tem sentido: um sinal, uma letra, um desenho. Para o educador, a análise dessa maneira de escrever pode demonstrar muito. Por isso, é importante dar à criança a oportunidade de manter um diálogo simples e de se colocar perante o mundo.

Segundo Russo e Vian (1999,) os caminhos para "reinventar" a escrita são os mesmos para todas as crianças, independente da classe social a que pertençam. Ou seja, apesar das diferenças individuais, a criança em contato com a leitura e a escrita, formula e põe em prática "uma teoria, uma metodologia e gramáticas próprias", de forma lógica e coerente. É importante que o professor conheça como esse aluno pensa, pois sua forma de pensar dependerá do estágio de desenvolvimento e não da classe social ou cultura a que pertence.

Tal conhecimento propiciará ao mestre uma atuação adequada, levando-o a detectar e entender, inclusive "os erros construtivos" do aluno. Essa compreensão do "erro" como momento de "conflito cognitivo", e que propicia a superação de hipóteses, força o aluno a modificar seus esquemas de compreensão da realidade.

A criança aprende, na medida em que constrói seu raciocínio lógico, conforme o estágio de desenvolvimento e estímulos ambientais recebidos, pois é na ação sobre os objetos do meio que seu pensamento se estrutura.

O processo evolutivo de aprender a ler e escrever se constrói ao longo do processo de desenvolvimento da criança, passando por níveis diferentes de construção. Em cada momento, a criança elabora suas próprias hipóteses, tentando compreender como se lê e como se escreve. Para as autoras Russo e Vian,

As dificuldades na ortografia – uma das causas da ‘expulsão encoberta’ – são mais frequentes em crianças de classe desprivilegiada. Uma das razões importantes é o fato da forma escrita da língua estar mais próxima das variedades linguísticas faladas pelas classes sociais dominantes. (RUSSO e VIAN (1986, p. 54)

Sendo assim, a criança, ao perceber sua diferença entre o modo de falar daquelas “consideradas com um nível social mais elevado”, demonstra insegurança ao desenvolver suas produções, levando-a a acreditar que tem menos capacidades. Neste caso, a escola, na verdade, desempenha satisfatoriamente o papel de reforçar as diferenças sociais. A ação do professor terá que ser de reflexão sobre os aspectos políticos de alfabetização que incluem os usos da escrita e da leitura e, conseqüentemente, as relações entre linguagem e poder.

Nota-se que muitos educadores não têm a preocupação em questionar a criança do por que, e, o que a levou a escrever daquela forma. É importante que, na sala de aula, a leitura e a escrita não sejam atividades cotidianas, secundárias, que não ocupem apenas o tempo que sobrou no finalzinho da aula. Leitura e escrita precisam ser planejadas como atividades.

Há diversas maneiras de se planejar, vários caminhos, cada um deles com métodos que proporcionem à criança estímulos e desejos de criar suas próprias histórias, trazer para sala de aula as experiências que cada um e cada uma carregam consigo e que é vivenciado no seu dia-a-dia, saber identificar o que é irregular.

2.3. A sociolinguística na sala de aula

Como trabalhar a sociolinguística na sala de aula na escola do campo? De que forma o educador pode organizar e associar a oralidade diversificada dos educandos com a escrita da norma padrão sem perder de vista a dinâmica da cultura local? Como o currículo da educação do campo trata as questões que conseqüentemente afetará na formação dos educandos? Para responder estas questões, recorreremos à autora Bortoni-Ricardo, que apresenta em seu livro: *Educação em Língua Materna* (2004) muitas formas de refletir e desenvolver métodos que beneficiarão não somente o trabalho do educador, mas, levar aos educandos à conscientização de que a forma como falam não é motivo nenhum para se sentirem desvalorizados, e sim hábitos que provém de suas próprias culturas.

Diante da questão, (Bortoni-Ricardo, 2004. p,8) frisa a importância da possibilidade ao acesso à cultura letrada e à luta pela cidadania com os mesmos instrumentos disponíveis para os falantes já pertencentes às camadas sociais desprivilegiadas.

Nesse sentido, é importante que a escola do/no campo desenvolva trabalhos voltados para a realidade do aluno, no sentido de que diminua as desigualdades sociais e geram novos diálogos no ensino educacional. No entanto, Marcos Bagno (2004. apud, Bortoni-Ricardo 2004) deixa claro que é de fundamental importância deixar de acreditar em algo que não existe (o “erro de português”) para, no lugar dessa superstição infundida, passar a observar os fenômenos de variação e mudança linguística de modo mais consciente e cientificamente embasado.

Diante do contexto histórico educacional, é visível o descaso que nossas escolas enfrentam, principalmente quando se trata de escola do campo, não que isso seja reproduzida pela comunidade escolar, mas, por aqueles que ditam regras e leis a serem cumpridas, ou seja, o próprio sistema educacional. Diante disso, a escola e a comunidade ficam vulneráveis às ordens impostas por este mesmo sistema.

Segundo Marcos, (2003. apud Bortoni-Ricardo, 2004. P, 8), o leitor deve se conscientizar de que em todos esses casos, estamos diante de diferenças e não de “erros”. A noção de “erro” nada tem de linguística, é um conceito

extremamente sociocultural, decorrente dos critérios de avaliação que os cidadãos pertencentes à minoria privilegiada fazem sobre todas as classes sociais. De acordo com ponto de vista estritamente linguístico, o “erro” não existe, o que existe são formas diferentes de usar os recursos potencialmente presentes na própria língua.

Sendo assim, ao depararmos com educandos que apresentam em seu vocabulário os traços da variedade linguística, e que, conseqüentemente têm dificuldade em relacionar com a atividade escrita, é, mais, do que necessária a intervenção do educador no sentido de fazer com que percebam de que se trata de diferenças e não simplesmente de “erros”.

Nas palavras da autora Bortoni-Ricardo (2004), os chamados “erros” que nossos educandos cometem, têm explicação no próprio sistema e processo evolutivo da língua. Portanto, podem ser previstos e trabalhados com uma abordagem sistêmica.

No entanto, sabemos que a disputa do mercado linguístico é imprescindível, e que *diferença* muitas vezes é tratada como *deficiência*, sendo assim cabe a escola levar aos educandos a se apoderar *também* das regras linguísticas que gozam de prestígio, e enriquece o seu repertório linguístico, de modo a permitir a eles o acesso pleno a maior gama possível de recursos para que possam adquirir uma *competência comunicativa* cada vez mais ampla e diversificada, sem que nada disso implique a desvalorização de sua própria variedade linguística, adquirida nas relações sociais dentro de sua comunidade. BAGNO (2004. *Apud*, BORTONI-RICARDO. 2004. p.9).

Quando a autora Bortoni-Ricardo (2004, p. 38), ressalta a importância de trabalhar a sociolinguística na sala aula, também deve-se ficar atento à clientela que a escola recebe, incluindo os profissionais.

Segundo (Bortoni-Ricardo, 2004), O padrão de comportamento do educador deixa a desejar e, muitas vezes, passa despercebido pelo fato de o educador não estar atento, ou porque ele próprio a tem em seu repertório. Frisa a dificuldade que muitos têm na hora de fazer a correção necessária. Muitos ficam inseguros, sem saber se devem corrigir ou não, que erros devem corrigir ou até mesmo se devem corrigir.

Contudo, percebe-se que quase nunca o educador intervém para corrigir os educandos durante a realização de um evento de oralidade, e quase sempre

identifica “erro de leitura”, isto é, erros de decodificação do material que está sendo lido, mas não faz distinção entre diferenças dialetais e erros de decodificação na leitura, tratando-as todas da mesma forma.

CAPITULO III

ANÁLISE DE DADOS

3. Analisando os dados coletados

Este capítulo apresenta a análise dos dados coletados em uma pesquisa desenvolvida na escola Severiano Vieira da Silva sobre a importância em trabalhar os “erros ortográficos” na sala de aula, uma vez que o uso da escrita deve estar de acordo com a norma padrão. Sintetiza a necessidade de o educador mudar sua postura quanto à correção de textos elaborados, para que os educandos se sintam a vontade para refletir e analisar o que estão expressando por meio da escrita.

Nesta perspectiva, (01) professora regente graduada em pedagogia, referida como P1 (Professor1), dois (02) educandos (E1 e E2) do 4º ano do ensino fundamental anos iniciais no sentido de obter informações que serão utilizadas como instrumento para análise de dados.

Além das observações no cotidiano da vida escolar destes educandos, foi realizada também durante um período de quatro (04) horas aulas, observação em sala com o intuito de perceber a interação dos educandos por meio da leitura e da escrita. Além disso, foi aplicado um questionário ao supervisor pedagógico da escola no âmbito de perceber sua contribuição nas atividades pedagógicas com os profissionais da escola. Este será representado por S1.

Tanto a observação quanto as entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro previamente elaborado que constam em anexo ao final deste trabalho. Neste estudo, foi utilizado o sistema de amostra, onde os sujeitos da pesquisa foram representados por educandos (as) de uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental da E.M.C. Severiano Vieira da Silva, considerando que na escola há somente uma turma no 4º ano dentre as outras modalidades de ensino. A escolha desta turma se justifica por serem educandos com maior tempo de escolaridade (4º ano), podendo assim emitir mais opiniões a respeito das práticas ortográficas que já estudaram.

Devemos ressaltar que os educandos apresentados nesta pesquisa têm entre nove (09) e dez (10) anos de idade. Moram em comunidades rurais deste

mesmo município, (Jangada - MT). Foram entrevistados (02) dois alunos com a intenção de representar a turma como um todo.

Lembramos que a escola atende as modalidades: Educação infantil, 1º ciclo e 2º ciclo do ensino fundamental dos anos iniciais. Quanto à escolha da escola, deve-se deve ao fato de ser educadora desta instituição escolar e já ter vínculo constituído.

Como se trata de uma pesquisa de estudo que visa a detectar os problemas enfrentados pelos educandos que estão em processo de aprendizagem da leitura e a escrita, foram formuladas questões que possibilitam o alcance dos objetivos propostos.

Diante disso, podemos perceber que a leitura e a escrita devem ser tratadas de forma interativa, uma vez que estes são meios de funcionamento que possibilitam a interação, mediada pela comunicação oral e escrita.

3.1. Análise de observação feita pela pesquisadora

Realizamos uma observação em sala de aula durante 4 horas aulas na escola Severiano Vieira da Silva, onde estavam presentes 14 educandos (as) do 4º ano do ensino fundamental e uma (1) professora (pedagoga) regente. A intenção desta observação foi para analisar o tipo de comportamento em relação ao desenvolvimento de produções de textos, tendo em vista a postura destes educandos no momento da correção ortográfica.

Diante disso, todo procedimento da pesquisa deu início no 1º semestre entre março e abril de 2014. No primeiro momento, realizamos a observação em sala de aula. No segundo momento, foi realizada a produção de textos. No terceiro momento realizamos as correções textuais e logo após analisamos os questionários.

Nesse sentido, percebemos que os educandos, na maioria das vezes, demonstram que se sentem seguros e tranquilos ao perceberem que estão sendo avaliados pela professora. Porém, existem aqueles que se aterrorizam quando se fala em erros ortográficos, tornando-se um pouco apreensivos e temerosos diante da correção de sua produção oral e escrita.

Diante disso, percebi que a relação existente entre educador/educandos é bem natural, com intimidade, sem autoritarismo por parte do professor. O

diálogo está sempre presente. Os relacionamentos dos colegas são de cooperativismo, coleguismo. De vez em quando há atritos que são mediados e resolvidos.

Assim, alguns educandos quando estão trabalhando em grupo, quase não opinam, sempre concordando com os demais. Nesse sentido, percebi que sentem dificuldade de expressar suas ideias. Quando estão diante de uma avaliação escrita, se comportam com naturalidade, como se estivessem fazendo qualquer atividade em sala de aula. Ou seja, sua atenção fica totalmente desprendida do assunto que está sendo trabalhado.

Na perspectiva de interagir os educandos, desenvolvem atividades bem diversificadas. A professora faz observação diária, acompanhada de anotações, conversa com os educandos e familiares. Alunos trabalham em grupo, pesquisa, atividades em classe e extraclasse, entre outros. O tempo para as atividades é de acordo com o desenvolvimento de cada educando, sempre levando em consideração as diferenças individuais, visando a detectar os pontos que precisam ser novamente trabalhados. Por isso, o professor precisa acompanhar de perto tanto a participação oral quanto a produção escrita dos alunos.

Com efeito, uma das estratégias da professora é usar os resultados das correções ortográficas para direcionar o processo ensino/aprendizagem, assim como tomar decisões em relação à continuidade do trabalho pedagógico, evitando a exclusão do aluno nesse processo, por causa de “erros ortográficos”. Sendo assim, fazer uso dessas estratégias para alcançar o progresso individual dos alunos e a eficácia dos procedimentos docentes, pode ser algo imprescindível para o crescimento pessoal e intelectual dos sujeitos envolvidos, inclusive o uso da avaliação continuada, por meio de observações, registros periódicos no trabalho diário com os educandos é também de extrema importância nesse processo.

3.2. Análise de entrevista feita com educandos

Foram entrevistados 02 (dois) educandos (E1 e E2) na faixa etária adequada para o ano que cursam: o Ensino Fundamental dos anos iniciais. Temos a seguir a análise de cada questão, realizada a partir da entrevista dos

educandos E1 e E2. A escolha destes se justifica por serem educandos com maior tempo de escolaridade (por estar no 4º ano), podendo assim emitir mais opiniões a respeito das práticas ortográficas que já estudaram.

Como já citada acima, a pesquisa foi realizada entre março e abril de 2014.

De acordo com a pergunta 1 (Em sua opinião o que são erros ortográficos?), E1 afirmou que entende por “erros ortográficos” é a forma incorreta de escrever certas palavras, ou seja, ao produzir textos, o aluno ignora as regras gramaticais fazendo uso também de seu conhecimento oral. Já E2 afirma que se trata da falta de conhecimento sobre a forma correta da escrita de algumas palavras. Isto é, o modo de falar determinando o modo de escrever. Diante disso, para superar tais conflitos o aluno necessitará compreender as diferenças entre falar e escrever, o que significa entender que as palavras podem ser pronunciadas de uma forma e escritas de outra.

Nesse sentido, acreditamos que a escola precisa trabalhar com a ideia de que a semântica pode orientar a escrita correta. A escola precisa provocar nos sujeitos uma reflexão sobre a língua, pois um saber metalinguístico que relacione ortografia e significado poderá levar os sujeitos a um melhor desempenho da escrita convencional.

Para a questão 2 (Você percebem o momento em que está tendo dificuldade em escrever alguma palavra? Que momentos são esses?), E1 responde que percebe a dificuldade quando a professora está observando sua escrita e na correção da atividade no dia-a-dia. De acordo com E2, sempre surgem dúvidas na escrita de algumas palavras e às vezes se sentem inseguros nas atividades com ditados e produção de textos e testes.

Sendo assim, a ortografia como prática pedagógica pressupõe a interrogação constante e se revela um instrumento importante para educadores e educadoras comprometidos com uma escola democrática. Compromisso esse que se coloca frequentemente diante de dilemas e exige que se tornem cada dia mais capazes de investigar sua própria prática para formular "respostas possíveis" na alfabetização, entendendo que sempre podem ser aperfeiçoados.

Contudo, é importante que o educador perceba que a ortografia não pode ser considerada como um momento isolado da aprendizagem, pois sendo

usada como instrumento classificatório, não auxilia o avanço e o desenvolvimento do educando, ao contrário, assegura sua estagnação no que se refere à apropriação dos conhecimentos e habilidades mínimas necessárias.

Segundo Moraes (2002, p.77),

em vez de aplicar um ditado tradicional – que cumpre geralmente o papel de verificar os conhecimentos ortográficos, fazemos um novo tipo de ditado, no qual buscamos ensinar ortografia, refletindo sobre o que se está escrevendo.

Ao responder a pergunta 3 (Quais as formas de corrigir erros ortográficos mais usados em sua escola?), E1 ressalta a importância em analisar os cadernos com ditados e produções de textos, riscando as palavras erradas e fazendo a correção com orientação do dicionário. Já E2 diz que gosta quando a professora faz a correção na lousa, assim consegue perceber melhor onde errou e como fazer para corrigir. No entanto, a produção de texto é o principal elemento de avaliação do educador, quando o aluno consegue se comunicar dentro dos padrões da escrita.

De acordo com a pergunta 4 (Essas formas de correção geram que tipo de sentimento em você?), E2 responde que em alguns momentos acaba gerando apavoramento, preocupação e curiosidade para saber o resultado, mas, que é consciente da importância de se escrever corretamente. Para E1, a preocupação gira em torno também da curiosidade em descobrir como se saiu em sua produção, se as palavras estão corretas ou não.

Percebe-se que muitos educadores utilizam a correção ortográfica como um fim, quase exclusivamente com objetivos de aprovação classificatória. Mesmo procurando inovar, muitos deles ainda não têm dado a importância necessária que a ortografia deve possuir dentro do processo de aprendizagem.

Diante desse aspecto, a avaliação da ortografia deve servir como elemento disciplinador e transformá-la em instrumento para a criação de algo novo, utilizando esse antigo acessório pedagógico como forma de aprofundar conhecimentos. O que é mais significativo para o educando.

De acordo com Moraes (2003, p.21),

A descoberta da psicogênese da escrita permitiu ao educador começar a reconhecer nos erros das crianças o resultado de um

trabalho intelectual, fruto de um esforço cognitivo no sentido de descobrir a natureza do sistema de escrita que lhes está sendo apresentado.

Em relação à pergunta 5 (Vocês sabem o que é autocorreção?) a resposta obtida por E2, foi de insegurança, mas que arrisca em dizer que a autocorreção é ser corrigido por eles mesmos, perceber que não está certo o nome de algo que escreveram e que às vezes ocorre a ausência de algumas letras ou troca por outras. Segundo E1, a autocorreção é também refletir onde errou nas atividades desenvolvidas e com isso procurar ficar mais atento diante da leitura e produção.

Para a pergunta 6 (Vocês se sentem preparados para a autocorreção?), E1 afirma que os alunos não estão preparados para fazer esse tipo de avaliação, e que seria melhor se soubessem o que realmente deveriam ser avaliados quando isso for feito por eles mesmos. Já E2 diz que se sente preparado, pois se esforça muito para aprender.

Nesse sentido, a auto-avaliação é um processo que só tem significado se praticada com reflexão por parte do educando, objetivando a tomada de consciência individual sobre suas aprendizagens e condutas de forma natural. O que se espera é superação e possível ampliação do conhecimento, favorecendo o desenvolvimento em termos intelectuais, além de tornar o aluno responsável por sua aprendizagem e ser capaz de modificar os caminhos para obtenção de seus conhecimentos.

Baseado na pergunta 7 (Você considera válida a forma como está sendo corrigida?), E2 tem a plena convicção de que a forma do educador avaliar não está sendo significativa. Ela acredita que deve ter uma maneira melhor de corrigir os erros, sem reprimir o educando. Às vezes, quando ocorre a correção, sentem-se tristes em ver tantos rabiscos em seus cadernos, e chegam a pensar que não estão aprendendo. Já E1 ressalta que não gosta de ser corrigido, porque pensa que sua forma de escrever está muito boa. Porém, admite que deva melhorar, mas desde que seja feita uma correção que possa ajudá-lo a entender o porquê de se escrever errado.

Portanto, a construção do ressignificado dos “erros ortográficos” requer dos educadores um enfoque crítico da educação e do seu papel social. Essas ideias inovadas sobre ortografia se constituem em ponto de partida para uma

reflexão mais profunda sobre o ensino da ortografia em nossas escolas do campo.

Observa-se a partir dos questionários que há um temor entre os educandos quanto ao trabalho com erros ortográficos, mostrando ser uma forma de punição e não um processo utilizado na construção do conhecimento.

Para que a correção dos erros ortográficos tenha êxito, o educador deve acreditar no educando e oferecer condições favoráveis à aprendizagem, pois só assim alunos se sentirão seguros, confiantes e manifestarão autenticidade, mostrando que conseguiram aprender e as dificuldades que ainda enfrentam, e, a partir delas, o reconhecimento das superações que precisam ser conquistadas.

Em relação à pergunta 8 (Quais dificuldades vocês encontram ao seres corrigidos?), E1 afirmou que não gosta de ser corrigido a todo momento, enfatiza que nem sempre sabe o porquê de tantos erros ao escrever e não entende por quê deve escrever de uma forma em detrimento da outra. Para E2, a maior dificuldade é ter que fazer isso em algum momento sem a intervenção do professor, pois surgem dúvidas ao escrever algumas palavras, fica difícil encontrar a resposta certa sozinha.

Diante disso, o professor pode trabalhar tanto com o aluno individualmente quanto com a classe, desenvolvendo atividades que possibilitam o aluno criar suas invenções e descobrir o gosto e o prazer em suas próprias produções. Pode também trabalhar com a classe toda, uma produção escolhida pelos educandos (as). Nesse aspecto, sabemos que corrigir um texto sozinho é tarefa difícil para o aluno e, até ele chegar a melhorar conscientemente um texto, deve ser feito um trabalho oral.

De acordo com Russo e Vian (1999, p.206):

Para chegar à autocorreção, o educador precisa trabalhar primeiro, com a classe, depois, com o grupo menor e, finalmente, com cada aluno individualmente para que, relendo seu texto, o aluno possa fazer uma autocrítica consciente de seu trabalho, tenha conhecimento da expectativa do professor e consiga a autocorreção.

Com base na pergunta 9 (Como você gostaria que seu professor lhe corrigisse?), na resposta de E2 fica claro que há interesses por parte do educando em desenvolver atividades que seus aprendizados, como por

exemplo, trabalhar com ditados, produções de textos e outras atividades, desde que ensinam uma maneira correta de falar e escrever, porque têm palavras que são pronunciadas de um jeito e escritas de outro. De acordo com E1, seria bom se soubessem por que isso acontece. Diz ainda que às vezes são criticados por apresentarem em seus vocabulários palavras que não estão de acordo com suas escritas. Ou seja, acreditam que pelo fato de morar no campo encontram dificuldades em se adequar com a norma padrão, isso os levam a pensar que não sabem falar corretamente.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 42),

[...] para muitos professores, principalmente aqueles que têm antecedentes rurais, regras do português próprias de uma cultura predominante oral são “invisíveis”, o professor as tem no seu repertório e não as percebem na linguagem do educando, especialmente em eventos de fala mais informais.

Sendo assim, é preciso conscientizar o educando quanto às diferenças para que ele possa começar a monitorar seu próprio estilo, uma vez que isto deve acontecer sem prejuízo no processo de ensino/aprendizagem, sem causar interrupções inoportunas.

Em relação à pergunta 10 (Você acha importante ser corrigido?), E2 diz que sim, porque segundo ela é através da correção que irá dominar melhor a oralidade e a ortografia, podendo interagir melhor por meio da fala e da escrita. Nessa perspectiva da construção do conhecimento, E1 entendeu que a correção do erro ortográfico deve ser vista como um acompanhamento da aprendizagem. Deve ser contínua, para que o professor possa identificar as conquistas e os problemas dos educandos em seu desenvolvimento. Desta forma, acredita-se que a ortografia promove o acesso ao conhecimento, transforma-se num recurso precioso de diagnóstico. O erro é entendido como uma fonte de informação e referência para formulação de práticas educativas do educador, na direção da construção do conhecimento.

Segundo Russo e Vian (1999, p. 207),

o professor deve ser o desafiante e o mediador quando as discussões se perdem ou quando o assunto foge do conceito das crianças, equilibrando a participação e orientando as correções já discutidas. Sendo assim, aos poucos, na outra metade da lousa, o texto vai sendo reescrito pelo professor ou por um aluno.

Diante disso, os educadores e educadores devem pesquisar junto com seus educandos (as), partindo do conhecimento prévio que esses têm, das concepções e "teorias" por eles hipotetizadas, buscando analisar a língua portuguesa tanto morfológica como semanticamente.

Ao responder a pergunta 11 (Vocês acham que a forma como falam interfere em suas escritas?), E2 diz que frequentemente escreve da forma como fala. Como faz uso da linguagem popular no seu dia-a-dia, às vezes confunde palavras que são bem parecidas e pensa que não têm tanta diferença na hora de escrever. E1 responde que, às vezes, escreve também de acordo com a resposta de seu colega, mas que procura ficar atento, prestando mais atenção para que erre menos em sua produção. Nessa perspectiva, o educador deve estar atento em fazer a intervenção no momento em que percebe que o educando desviar sua transcrição oral da escrita.

3.3 Entrevista com a professora regente (pedagoga) da Escola Severiano Vieira da Silva

Apresentamos uma entrevista com a educadora regente dos educandos do 4º ano do ensino fundamental para obter informações sobre a forma de como desenvolve seu trabalho em sala de aula e como é feita sua intervenção na correção dos erros ortográficos em produções escritas de seus educandos. Como já citamos acima, ela será representada por P.

Para desenvolver práticas de letramento que viabilizem o ensino e aprendizado dos estudantes, é necessário que os alunos tenham conhecimentos adquiridos pelo hábito da leitura e da escrita, ou seja, que gostem de ler para poder incorporar e ampliar estratégias pedagógicas que os estimulem a adquirir as convenções gramaticais sem perder de vista sua cultura local.

De acordo com a pergunta 1 (Os alunos que moram no campo tem mais dificuldade em ortografia?), a P respondeu que para ela a principal dificuldade que leva o aluno a escrever errado é a falta de atenção.

Nota-se que a professora pesquisada atribui as dificuldades encontradas pelos educandos em escrever de forma “errada” pela falta de atenção. Sendo

assim, quando há uma condenação da avaliação, todavia a escola utilize o ditado e produções de textos como um instrumento de aprendizagem da ortografia, desde que se tenha como objetivo analisar e refletir com os educandos os resultados obtidos.

É consenso entre os dois educandos entrevistados (E1 e E2), o sentimento quanto às formas de correção da ortografia, que traz ansiedade para saber o resultado. O que pode ser comprovado com a fala dos entrevistados, "apavoramento, preocupação e curiosidade para ver os resultados", é que muitos educadores (as) encaram o erro ortográfico como um fim absoluto. Nos textos produzidos por eles o mais importante é o produto, ou seja, o conteúdo.

Referente à pergunta 2 (Quais são os tipos de erros mais frequentes?), a professora relata sobre a importância do trabalho gramaticais. Ela apresenta em sua fala que o emprego da gramática deve contemplar melhor o desempenho linguístico (falar e escrever melhor), que está ligado ao sucesso na vida prática e profissional. Nesse sentido, destaca uma das dificuldades dos educandos que é se familiarizar com os empregos das convenções gramaticais. Um dos exemplos é o emprego do s com som de z; j e g, ç, ss, ch, x. Também palavras terminadas com e ou i, o ou u.

Com relação à pergunta 3 (A que você atribui essas dificuldades?), ela atribuía a falta de hábito de leitura como uma das principais causas dessas dificuldades e confirma também a falta de atenção pela maioria dos educandos.

Com base na pergunta 4 (O jeito de falar da família influencia na maneira de os educandos escreverem?), a professora afirma que a interferência da fala dos educandos na escrita contribui com os erros ortográficos. Segundo ela, se eles ouvem palavras pronunciadas erradas naturalmente vão escrevê-las erradas.

Nesse sentido, devemos acreditar que a criança pode e vai aprender. Nós educadores só conseguimos ensinar quando realmente acreditamos em nós e no aluno. Precisamos repensar conceitos, avaliar e mudar a visão sobre educação, segundo a qual a escola se dirige, ou deve se dirigir, a quem não sabe "nada". Sendo assim, conseguiremos mudar esta visão se mudarmos nossa prática em sala de aula, partindo da certeza de que a escola se dirige a quem já tem algum conhecimento. Nosso objetivo primordial será o de atender

a todos os alunos, inclusive àqueles que chegam em condições menos favoráveis.

Para a pergunta 5 (Como você lida com os erros?), diz procurar sempre mostrar para os educandos através do uso do dicionário o jeito certo de escrever.

Diante disso, a educadora usa a ortografia como uma das formas de verificação da aprendizagem, priorizando a função sancionadora da avaliação. Na seleção das atividades, considera as diferenças individuais, mas exige que todos os educandos desenvolvam as mesmas habilidades cognitivas, dentro do mesmo período de tempo. Sendo assim, procura estar sempre voltando sua atenção na forma da pronúncia e da escrita dos educandos. Frisa também, que se for em produção de texto, ditado ou frase, sublinha-as e peça que eles as procurem no dicionário, consertando o que erraram.

Em relação à questão 6 (Os educandos que moram no campo têm mais dificuldade em escrever certo?), a resposta da professora é de que muitos educandos são carentes, apresentam condições de vida precária e não têm acesso a livros, que os pais não podem comprar por causa de outras prioridades. De acordo com ela, tem também o fato de muitos pais desses educandos apresentarem pouco grau de escolaridade ou até mesmo serem analfabetos, dificultando o acompanhamento da vida escolar de seu filho.

Geralmente, os espaços de leitura em sala de aula são bem poucos devido à grande quantidade de atividades que os educandos terão que realizar durante as horas de aulas. Tudo isso torna desagradável e desmotivador o ato de leitura dentro de sala de aula. Sendo assim, o professor não precisa esperar por um momento específico para expor um momento de leitura. Deve-se buscar através da interação com outras disciplinas, e pode também ser apresentada em qualquer fase do processo de aprendizagem. Cada aluno absorverá o que a sua fase permite.

No entanto, percebe-se que a professora faz a leitura no início da aula e incentiva os educandos a manusear gibis, jornais, livros, entre outros, a fim de terem contato com as diversas formas de leitura, propiciando momentos de descontração e aprimorando sua aprendizagem comunicativa.

Em outros casos como, por exemplo, a forma de falar dos educandos, a educadora diz ficar atenta por trabalhar com crianças que vem de comunidades

diferenciadas. Segundo ela, os estudantes apresentam em seus vocabulários linguagens diferentes, e que, no entanto, suas pronúncias sofrem influências de acordo com sua região.

As diferenças entre língua usada em uma região ou outra normalmente são, em sua grande maioria, diferenças no plano fonético (pronúncia, entonação, timbre, entre outros), e no plano lexical (palavras diferentes para dizer a mesma coisa, as mesmas palavras com sentido diferentes em uma ou outra região, uso mais frequente de um ou outro morfema derivacional ou flexional etc.) as diferenças sintáticas, quando existem, normalmente não são grandes. (TRAVAGLIA, 2009, p.43).

Sendo assim, entendemos que cada região, município ou comunidade possui um grande número de variação linguística. Porém, as instituições de ensino devem encontrar formas para desenvolver sua competência comunicativa aprimorando sua relação educacional e profissional. Não cabe o argumento de trabalhar apenas com a norma culta porque o aluno já domina as demais. Quando chega à escola, pode dominar bem uma ou duas variedades, mas sempre tem muito que aprender de diversas variedades, inclusive das que domina.

Contudo, em relação à análise de produção de texto, a educadora entrevistada a considera como parte do processo da aprendizagem. Ela acredita que é preciso ficar atento às produções de seus educandos e levar a sério os problemas de erros ortográficos, para que futuramente os desafios encontrados sejam superados por todos.

3.4. Análise de questionário aplicado ao supervisor

Para dar autenticidade aos resultados da pesquisa, não poderíamos deixar de lado a visão do Psicopedagogo que tem uma função importante na formação de educandos (as) da escola Severiano Vieira da Silva.

Conforme a abordagem da questão 1 (que tipo de apoio oferece a equipe docente em relação ao ensino da ortografia?), o entrevistado disse que procura ajudar o professor estimulando-o no aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem através de leituras e discussões com outros profissionais, para uma troca de experiências, mantendo sempre uma estreita

relação com os docentes para acompanhar o processo educativo, principalmente dos educandos com dificuldade de aprendizagem.

Nesse sentido, o papel do coordenador supervisor escolar terá sempre como principal objetivo identificar os obstáculos de desenvolvimento de ensino-aprendizagem através de técnicas específicas de análise institucional e pedagógica para intervir junto à administração da escola e à família, no sentido de sanar os problemas.

Assim, é importante criar instrumentos que auxiliem os alunos a refletirem sobre as ações que realizam, cuja finalidade é levá-los a construir uma consciência crítica dos modos de agir frente às tarefas que lhes são propostas na escola.

3.5. Análise de textos de alguns dos educandos:

Apresentamos em seguida a análise de cinco (05) textos produzidos por cinco (05) educandos do 4º ano do ensino fundamental da Escola Severiano Vieira da Silva, como instrumentos a serem analisados, no intuito de identificar ocorrências de “erros na ortografia”. Este item apresenta também as dificuldades que os educandos têm em se familiarizar com as convenções da norma padrão. As produções textuais foram produzidas em sala de aula com a presença da professora regente da instituição escolar. Os autores dos referidos textos são alunos entre 9 e 10 anos de idade e que frequentam a mesma sala de aula pesquisada neste trabalho monográfico. Estes autores serão representados nos textos por: A1, A2, A3, A4 e A5.

Lembramos que a realização da observação em sala de aula e a produção dos referidos textos foram feitas no 1º semestre entre março e abril de 2014. Primeiramente foi apresentando o tema do texto aos educandos (Meio Ambiente), em seguida cada educando (a) elaborou-o de acordo com seu conhecimento oral e escrito.

Texto 1

E1. Mão de vemosdêsmatari porque cemaoficaremosceioar

No texto 1, o aluno escreveu a palavra “de vemos” separando-a sendo “devemos” a forma correta. Nesse sentido, o aluno não faz a aglutinação das

silabas. Já na palavra desmatar faz uso do sinal circunflexo e acrescenta a vogal 'i' no final, "dêsmatari". Na palavra "cemaio", "cem", o aluno escreveu trocando as consoantes, sendo que as palavras corretas são "senão" e "sem". Nesse caso, houve a representação fonológica entre ('s' e 'c'. 'n' e 'm'). Houve também a aglutinação inadequada nas palavras "vamosdêsmatari e semãoficaremosceioar".

No entanto, a aluna faz a substituição de vogais ou consoantes, se apoiando também nas pronúncias. Por exemplo, em 'ceioar' que na forma correta seria 'sem o ar', houve a substituição do 's' por 'c' e a letra 'i' é nasalizada exercendo a função da letra 'm'.

É importante observar que nem todos os problemas que as crianças apresentam em sua escrita podem ser explicados pelos seus hábitos de pronúncia. Muitos são simplesmente consequências do caráter arbitrário das convenções da língua, isto é, um mesmo fonema pode ser representado de duas formas ou mais. Veja por exemplo, o fonema /s/ que pode ser representado pelas letras "s", "c", "ç", "x", "z" (no final de palavras) e pelos dígrafos "ss", "sc", "sç", e "xc". A forma de representar o fonema /s/ em cada palavra é convencionalizada pelas regras de ortografia, no processo de padronização da língua.

Texto 2.

E2. O meio ambiente e muito emtortante. Para nos e nos não podemos jogar lixo no chão porque lixo vão poluir a Natureza não vamosautatar a Natureza não vamosdeixar a água Parada vamos cuidar da nossa Escola Do ar não jogar lixo na água Vamospersevar a natureza não vamos queimar a natureza vamos deixar A nossa escola linpa não vamos deixar queba A avorenão podemos matar o passarinho não vamos deixar o lixo atacar no nosso mundo vamos deixa a nos natureza linpa.

No texto 2, o aluno escreve 'intortante' ao invés de 'importante'. Nesse caso, houve a troca de 'p' por 't', pelo fato das duas consoantes terem o mesmo modo de articulação: oclusivas. Em 'linpa' de 'limpa', o aluno trocou o 'm' pelo 'n', por serem todas consoantes nasais. Nesse caso, o professor deve ressaltar para os alunos que a consoante 'm' só ocorre antes de 'p' e 'b' por terem o mesmo ponto de articulação: bilabiais.

Nas palavras "vamosautatar", e "vamospersevar" ocorreram a aglutinação e a substituição de vogais. No entanto, houve erros de transcrição

da fala, ou seja, isso ocorre quando a criança escreve a palavra como a pronuncia. Na palavra “mautatar” de ‘maltratar’, houve a semivocalização do ‘l’, isto é, ‘l’ se realizou em “u”.

No entanto, nas palavras “mautatar, persevar, queba e avore”, respectivamente maltratar, preservar, quebrar e árvore, houve a ausência da representação sonora ‘r’ e ‘a’. A mesma coisa ocorre com a palavra ‘passarinho’ que na forma correta é passarinho, o que acontece é que há uma supressão do dígrafo ‘s’.

Diante disso, o professor deve buscar meios que supram os erros, desenvolvendo metodologias no sentido de obter recursos para solucionar o problema enfrentado na produção ortográfica dos educandos.

Texto 3

E3.O meio ambiente se aspesoaajuda todos os outos podemos ajudar o meio ambiente contra a poluição o meio ambiente temos as escolas as casa e parapesevar a natureza devemos não desmatar a natureza e o que podemos partar arvore para cada veiz mais se jogar lixo no mar pode poluir o mar e não jogar o lixo no chão para não poluir e as arvore serve para as pesoas respirar e não tacar fogo na mata porque senão as pesoas não respiramos e tambe não podemos desmata a natureza e não podemos podia joda o coipo natureza.

Em relação ao texto 3,o aluno faz a aglutinação em uma palavra e nas outras ocorrem trocas, acréscimos ou perdas de vogais/consoantes.Faz também o uso do conhecimento da linguagem oral.

Veja as palavras “pesoaajuda”, que estão aglutinadas. Em ‘pesoa’ ocorre a supressão do dígrafo SS, enquanto que ajuda está correto. Além disso, ouve a ausência da marca do plural na palavra “pesoas”.

Em “outos, comta” há a ausência de ‘r’, sendo outro e contra as formas corretas. Em partar o aluno faz a troca da consoante ‘c’ pelo ‘p’ e da vogal ‘o’ por ‘a’. Já na palavra vez houve o acréscimo da vogal ‘i’.

Ainda no texto 3, em ‘preservar’ escrita “perservar”, ocorreu a metátese, um processo fonológico que consiste em mudar a posição de uma consoante,no caso o ‘r’.

Na palavra “tambe” houve a ausência da letra ‘m’ no final de ‘também’ a forma correta.

Quanto às palavras ‘joda’ e ‘coipo’ ocorre a troca de consoante. No caso da primeira, o ‘g’ é substituído pela consoante ‘d’, faltando inclusive um ‘r’ no

final, já que aparentemente se trata de um verbo. E, no que diz respeito à segunda palavra, marcada pela presença da linguagem oral, ocorre o acréscimo da vogal 'i'.

De acordo com Travaglia (2009, p.111),

A gramática de uso é não consciente, implícita e liga-se à gramática internalizada do falante. Sendo assim, no ensino ela se estrutura em atividade que busca desenvolver automatismo do uso das unidades, regras e princípios da língua, bem como os princípios do uso dos recursos das diferentes variedades da língua.

Nesse sentido, nas atividades de *gramática de uso* não se explicitam os elementos de descrição da língua e seu funcionamento para o aluno. Sendo assim, o professor deve saber muito sobre a língua, sua estrutura e funcionamento para selecionar e ordenar conteúdos e montar exercícios adequados ao ensino da habilidade que pretende ser adquirida.

Texto 4

E4. O meio ambiente é tudo estaim nossa vouta os animais, os pássaros as onças jaquatiricas, as arvores, as plantas e frutos. O ambiente os rios as pessoas as montanhas as paisagens.

No texto 4, o aluno escreveu a palavra “vouta” sendo ‘volta’ a forma correta. Nesse sentido, houve a semivocalização do ‘l’, isto é, ‘l’ se realizou”. já na palavra im, que deveria ser em. acontecetroca do ‘e’ pelo ‘l’. No que se refere à palavra ‘jaquatiricas’ ocorre a substituição da consoante ‘g’ por ‘q’, isto é, ocorreu a “troca surda/sonora”, considerando que o correto seria jaguatirica.

Texto 5

E5. O meio ambiente é muito importante para nós porque sem ela nós não vivemos. Você sabe o que é o meio ambiente? O meio ambiente é o meio em que nós vivemos. Nós devemos preservá-la para termos um futuro melhor. Os anima insetos aracnídeos etc. também fazem parte do meio ambiente. As montanhas, serras, casas, veículos também fazem parte nós fazemos parte também. Nós devemos preservar também a natureza não jogar, lixo em qualquer lugar, não atacar fogo namata o certo é cuidar do meio ambiente e também da natureza.

No texto 5, percebe-se que o aluno possui o domínio da escrita. É importante observarmos que houve poucos erros ortográficos. O texto está coeso e bem elaborado, faz uso das pontuações e acentos corretamente.

Porém, apresenta a repetição demasiada de algumas palavras, como é o caso de “também”, assim como de alguns erros ortográficos (anima), que deveria ser animais. Já na palavra “atacar”, o aluno acrescentou um ‘a’ no início da palavra, quando esta deveria ser tacar, no sentido de colocar.

É preciso ficar atento para a grafia das palavras, pois, os alunos poderão escrevê-las como as pronunciam, substituindo as vogais ou as consoantes, que frequentemente são suprimidas na nossa fala quando não estamos nos monitorando. Isso se deve ao fato também de que o aluno faz uso de seu conhecimento, disponível em seu arsenal oral.

Percebe-se nas produções textuais dos educandos que muitos deles encontram dificuldades em familiarizar-se com algumas convenções da escrita: os acentos, a pontuação e os dígrafos.

No entanto, a análise de textos produzidos por educandos permitiram entender alguns dos motivos que os levam a cometer “erros” na grafia de algumas palavras. Dessa forma, diante da análise dos textos é nítido que alguns dos educandos ao produzir seus textos, fazem uso da linguagem que frequentemente é usada no seu dia-a-dia. Ou seja, escrevem de acordo com seu conhecimento oral, outros têm dificuldades com a grafia correta da convenção gramatical da norma padrão.

Contudo, a correção dos erros ortográficos é também uma aprendizagem significativa quando explorada nas séries iniciais, para que, através desse processo, o educando seja capaz de parar, pensar, concluir e continuar a escalada do conhecimento com pés firmes, consciência tranquila e garantindo seu próprio progresso. O educando é o sujeito e não o objeto da ação educativa. No entanto, se ele próprio não participa do processo de sua correção, apenas recebe direta ou indiretamente o resultado de sua vitória ou fracasso, isso não garantirá uma aprendizagem concreta.

Por exemplo, o uso do dicionário pressupõe autonomia e uma série de conhecimentos. É uma atividade bastante complexa que requer o conhecimento da língua escrita. Mas, como acontece com outros objetos que conhecemos no mundo, é exatamente por intermédio de nossa interação com o dicionário que nos apropriamos daquilo que precisamos saber para utilizá-lo e aprender ainda mais com ele.

Não existe fórmula pronta. Diretrizes são claras, mas o educador faz seu caminho graças a sua criatividade. Os instrumentos utilizados devem ser diversificados, participativos, democráticos, relevantes, significativos e rigorosamente construídos. Diversificando os instrumentos de trabalho ortográfico, é possível abranger todas as facetas do desempenho de um estudante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho foi possível perceber que o educando da escola do campo, Severiano Vieira da Silva, pela complexidade geográfica, política, social e cultural, apresenta maiores dificuldades ortográficas. Uma das explicações é a precariedade no que se refere ao acesso a livros, pois nos falta uma biblioteca estruturada que cumpra essa demanda e ainda a falta de acesso à internet, jornais impressos ou outros meios que venham a incentivar a leitura. Outra questão se refere à limitação do conhecimento formal por parte dos pais e mães, já que um número significativo ainda analfabeto é e, portanto, não têm condições de influenciarem os filhos.

Nesse sentido, é importante ressaltarmos o dever e a obrigação que a escola deve ter no processo de aprendizagem dos educandos. Isto é, a colaboração da família é essencial, porém, a escola deve oferecer condições necessárias para que haja um bom desempenho no aprendizado e na formação acadêmica e profissional destes alunos.

O papel do educador e as ações da escola são imprescindíveis. Se o educador, assim como a escola não têm claras as dimensões da leitura como base para o desenvolvimento da escrita, de fato o fracasso será uma realidade.

Os dados analisados nos mostram que a aprendizagem da ortografia não é tarefa simples. Toda criança consegue resolver a grafia a partir de uma mera exposição à língua escrita, uma vez que nem sempre o universo de palavras a que a criança tem acesso permite abstrair os princípios ortográficos adequadamente.

No início do processo de alfabetização, não é necessário que o professor o atrepele com preocupações sistemáticas com a ortografia. Nesta fase, as situações de produção de textos criadas em sala de aula podem oportunizar o surgimento de diferentes questões dos educandos sobre a forma correta de grafar algumas palavras, que devem ser respondidas prontamente pelo educado.

De acordo com Travaglia (2009. 109),

à medida que os educandos vão aprendendo a escrever com certa fluência, o educador precisa organizar de maneira sistemática o estudo de algumas

regras ortográficas. Esse trabalho a ser desenvolvido não ocorrerá apenas em um ano, mas ao longo do Ensino Fundamental. Não se esquecendo que a melhor forma deste aprendizado é dentro de um contexto para que o educando não apenas "decore", mas realmente entenda o que se está aprendendo.

Pode-se observar que a criança adquire um sistema de escrita e não simplesmente aprende a escrever as palavras que copia na escola. Logo os "erros" que as crianças cometem podem ser vistas como uma demonstração de elaboração sobre o sistema de escrita, do que simples descaso ou falta de atenção àquilo que a professora ensina.

Por que não aproveitar a previsibilidade das regras ortográficas em prol do usuário do sistema de escrita, principalmente daquele que está começando a lidar com este sistema? Para isso é necessário que se considerem as regularidades como algo a ser compreendido e não apenas memorizado. Assim, cabe à escola criar condições necessárias ao favorecimento da compreensão da ortografia a partir de práticas pedagógicas.

Nesse sentido, a escola precisa incentivar o aluno a soltar-se para escrever, e revelar seu interior, a transcrever suas experiências, a relatar fatos do seu mundo sem ter que se preocupar com correções, riscos vermelhos e notas baixas: simplesmente escrever o que lhe dá maior prazer e saber que, com isso está se comunicando.

Diante disso, não estamos, com estas afirmações, negando a necessidade do ensino sistemático das regras de ortografia; ao contrário, achamos que ele precisa existir, mas é importante, em primeiro lugar, que a escola crie oportunidades para que as crianças possam fazer suas descobertas e só então sistematizá-las de forma tranquila e agradável.

E não há melhor forma de sistematizar os aspectos da língua do que levar as crianças a ler e escrever e, principalmente, a pensar sobre o que lêem e escrevem. Permitir-lhes avaliar suas possíveis hipóteses, questionar as dos companheiros, trocar ideias, tirar conclusões, explorar tudo aquilo que a língua permite e com isso, avançar efetivamente no domínio das regras ortográficas.

O ensino eficaz estimula a reflexão sistemática sobre dificuldades ortográficas específicas, ajudando a criança a reconstruir a escrita. A situação de revisão de um texto escrito pelo educando é uma estratégia de ensino, que não se ocupa apenas das questões ortográficas.

E, corrigir nunca pode nos servir de pretexto para censurar a atividade de composição textual do educando. Por outro lado, não corrigir os textos dos educandos é transmiti-lhes que a correção não é importante. E sabemos que existem formas de corrigir textos que estimulam as crianças a rever o que escreveram. Por exemplo, corrigir o texto de seu colega, funciona como uma autocrítica de seu próprio trabalho relendo-o antes de passá-lo para o colega.

Portanto, espera-se que este trabalho possa despertar tanto o interesse do educador em rever sua metodologia de ensino, como contribuir na aprendizagem de educandos que merecem um ensino de qualidade. Espera-se também que não seja concluído por aqui, mas que se torne contínuo o estudo do tema em questão, no âmbito de gerar novos horizontes no ensino/aprendizagem dos educandos da escola do campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDART, Roseli Salete, Educação do Campo. In: **Dicionário da Educação do Campo**. CALDART, et. al. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FERREIRO, Emília; TEBEROSHY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1986.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Mato Grosso e seus Municípios**. Cuiabá Secretaria de Estado de Cultura, 1997.

GIL, Antônio Carlos, 1946. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª ed - São Paulo: Atlas, 2010

MORAIS, Artur Gomes. **O aprendizado da ortografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Ortografia se aprende desde cedo**. Nova Escola. Jan/fev 2003

_____. **Ortografia:ensinar e aprender**. São Paulo, Ática, 1998.

MURTA, Claudia Pereira dos Santos. BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997.

RUSSO, de Fátima Maria; VIAN, Maria Inês Aguiar. **Alfabetização: Um processo de construção**. Editora Saraiva, 4º edição – 1999.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: Uma proposta para o ensino de gramática**. 4º editora, 14. Ed.-São Paulo: Cortez, 2009.

APENDICES:

APENDICES I:

Roteiro para entrevista com a professora:

- 1.Os alunos que moram no campo tem mais dificuldade em ortografia?
- 2.A sociedade em que vive seus educandos influencia na aprendizagem da escrita?
- 3.Como você lida com a interferência da oralidade na ortografia?
- 4.Quais as dificuldades que os educandos apresentam na 4º ano em relação à ortografia?
5. Quais são os tipos de erros mais frequentes?
6. A que você atribui essas dificuldades?

APENDICES. II

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNO

2. NOME:

IDADE:

SEXO:

ANO (SÉRIE):

ESCOLA:

COMUNIDADE:

1. Em sua opinião o que são erros ortográficos?

R:

2. Você percebe o momento em que está tendo dificuldade para escrever alguma palavra? Que momentos são esses?

R:

3. Quais as formas de corrigir erros ortográficos mais usados em sua escola?

R:

4. Essas formas de correção geram que tipo de sentimento em você?

R :

5. Você sabe o que é autocorreção?

R:

6. Você se sente preparado para a autocorreção?

R:

7. Você considera válida a forma que está sendo corrigido?

R:

8. Você acha que a forma como você fala interfere na sua escrita?

R:

9. Quais dificuldades que você encontra ao ser corrigido?

R:

10. Como você gostaria que o professor lhe corrigisse?

R:

11. Você acha importante ser corrigido?

R:

ANEXOS I

Texto 1

Mão de vemos dêš matari porque cemaoficaremosceioar

Texto 2

O meio ambiente e muito emtortante. Para nos e nos não podemos jogar lixo no chão porque lixo vão poluir a Natureza não vamosautatar a Natureza não vamosdeuxar a água Parada vamos cuidar da nossa Escola Do ar não jogar lixo na água Vamospersevar a natureza não vamos queimar a natureza vamos deixar A nossa escola linpa não vamos deixar queba A avore não podemos matar o pasarinho não vamos deixar o lixo atacar no nosso mundo vamos deixa a nos natureza linpa.

Texto 3

O meio ambiente se as pesoaajuda todos os outos podemos ajudar o meio ambiente comtra a poluição o meio ambiente temos as escolas as casa e para pesevar a natureza devemos não desmatar a natureza e o que podemos partar arvore para cada veiz mais se jogar lixo no mar pode poluir o mar e não jogar o lixo no chão para não poluir e as arvore serve para as pessoas respirar e não tacar fogo na mata porque senão as pessoas não respiramos e tambe não podemos desmata a natureza e não podemos podia joda o coipo natureza.

Texto 4

O meio ambiente é tudo esta im nossa vouta os animais, os pássaros as onças jaquatiricas, as arvores, as plantas e frutos. O ambiente os rios as pessoas as montanhas as paisagens.

Texto 5

O meio ambiente é muito importante para nós porque sem ela nós não vivemos. Você sabe o que é o meio ambiente? O meio ambiente é o meio em que nós vivemos. Nós devemos preservá-la para termos um futuro melhor. Os animais insetos aracnídeos etc também fazem parte do meio ambiente. As montanhas, serras, casas, veículos também fazem parte nós fazemos parte também. Nós devemos preservar também a natureza não jogar lixo em qualquer lugar, não atacam fogo mata o certo é cuidar do meio ambiente e também da natureza.